Ano XII. Fátima, 13 de Março de 1935 N.º 150

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Marta, 158-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: «Santuário de Fátima»

As comemorações do dia treze

O sol ainda não tinha subido acima do horizonte, no firmamento àquela hora da madrugada completamente limpo de nuvens, quando os primeiros peregrinos transpuzeram os largos portais do recinto sagrado das aparições. O frio, que um álgido vento norte tornava áspero, era bastante intenso e a geada, que durante a noite caíra com abundância, cobria os campos, ao longe e ao largo, com o seu formoso manto de arminho. O rigor excessivo da estação invernosa, longe de intimidar os devotos de Nossa Senhora de Fátima, parecia ao invés animá-los a empreenderem a dura e penosa viagem ao seu santuário predilecto. À medida que vão chegando ao vasto anfiteatro da Cova da Iria, êles dirigem-se, impulsionados pela sua fé viva e pela sua ardente piedade, para as diversas capelas do Santuário e, especialmente, para a das Confissões, onde muitos se conservam em longa e fervorosa oração diante de Jesus Sacramentado e muitos outros se preparam, por meio dum cuidadoso exame de consciência, para purificar a alma no santo tribunal da Penitência e receber depois com as devidas disposições o Pão dos Anjos. Durante tôda a manhã, os fiéis repartem o seu tempo entre a oração, a confissão e a comunhão, cumprem promessas feitas em horas de amargura ou visitam detidamente as simples mas higiénicas e confortáveis instalações do Albergue dos peregrinos. Os dois estabelecimentos, situados um de cada lado do grande portão de entrada do recinto das aparições, onde se vendem por conta do Santuário livros e vários objectos de piedade, são sem cessar freqüentados por numerosos fiéis, que desejam adquirir singelas recordações da sua romagem a Fátima para as guardarem religiosamente nos seus lares distantes ou para as distribuírem pelas pessoas da sua amizade ou das suas relações que não puderam visitar aquela estância bemdita de graça e de milagre.

O têrço e a missa dos doentes

Era quási meio-dia solar, quando o rev. dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e director das Associações dos Servos e Servas de Nossa Senhora do Rosário, principiou a recitação do têrço, alternadamente com o povo, diante do altar da capela das aparições. Efectuou-se em seguida a primeira procissão com a linda e devota estátua de Nossa Senhora, que se acha exposta dum modo permanente à veneração dos fiéis, na Santa Capela. A veneranda Imagem foi conduzida entre alas de povo, no meio de preces, cânticos e aclamações entusiásticas, até à capela exterior do Pavilhão dos doentes. Celebrou a missa oficial o rev. José da Cruz Perdigão, pároco da freguesia da Marinha Grande, que no fim deu a bênção aos doentes inscritos, cujo número era pouco elevado, como costuma suceder nos meses de Inverno. A missa, correspondente à solenidade do dia, segundo o calendário eclesiástico próprio de Portugal, foi a missa das Cinco Chagas de Nosso Senhor. O rev. dr. José Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário de Leiria, que, à estação da missa, subiu ao púlpito, comentando o evangelho do dia e referindo-se dum modo especial ao *Sítio* (tenho sêde) do texto sagrado, falou da sêde ardente que Jesus tem da salvação das almas pelas quais deu generosamente o sangue e a vida. Frizando a obrigação que nos incumbe de matar essa sêde na parte que, pessoalmente, diz respeito a cada um de nós, exortou todos os seus ouvintes a tornarem-se apóstolos fervorosos para a reconquista de tantas almas transviadas do caminho do Céu, integrando-se assim no grande exército da Acção Católica, que deve ser um verdadeiro exército de salvação.

O piedoso e ilustre orador concluiu o seu discurso, dizendo que a nossa nação era a única entre tôdas as nações do mundo que possuía a honra insigne de ter gravadas na sua bandeira as *quinas*, lembrança piedosa e perene das sacrossantas Chagas do Divino Redentor inscrita no símbolo augusto da Pátria.

O concurso de peregrinos

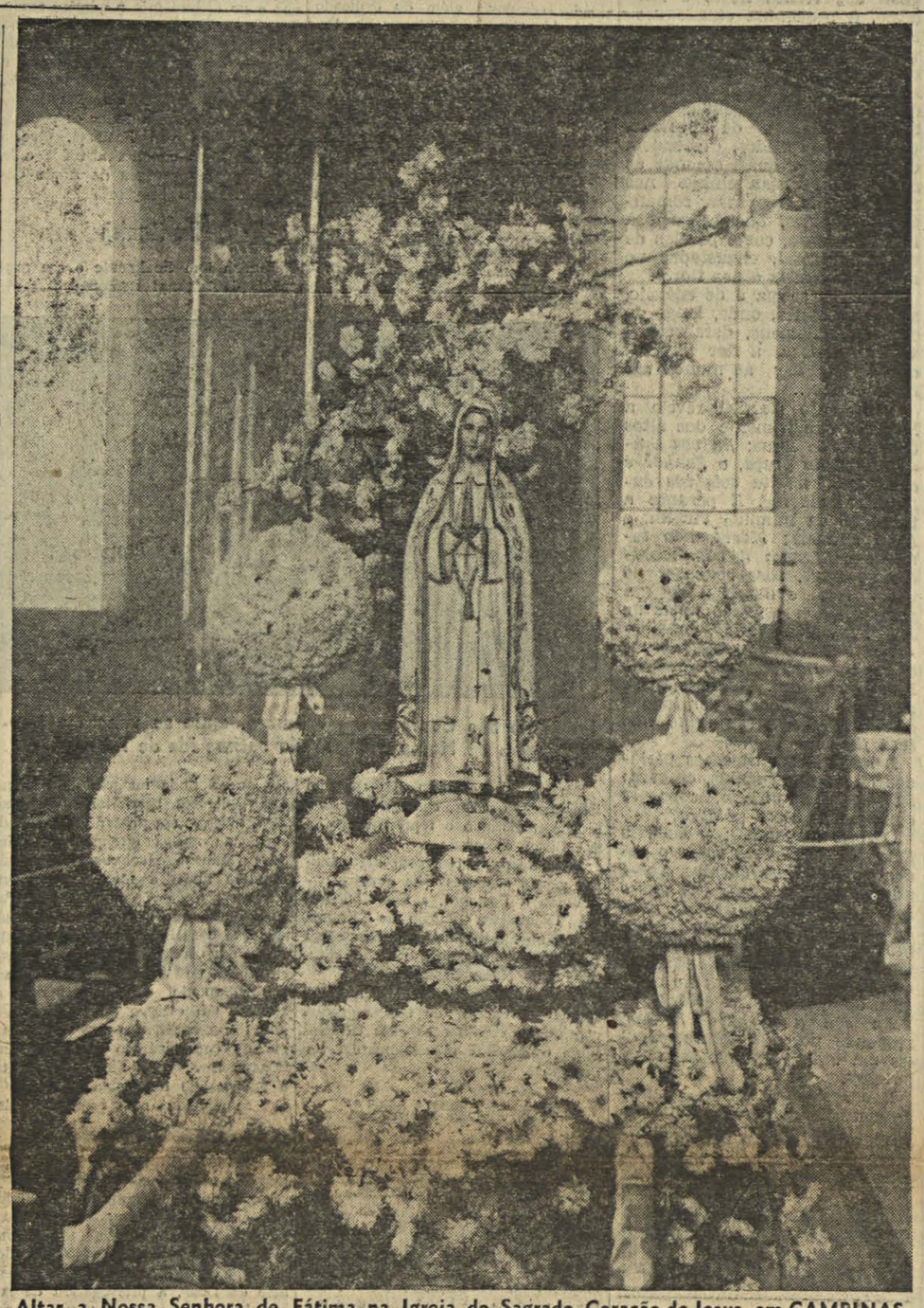
Grande, extraordinàriamente grande até por ser em pleno coração da quadra invernosa, foi o número de peregrinos que nêste dia acorreram ao glorioso Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Não foi inferior ao do dia correspondente nos últimos dois meses e talvez fôsse até mais elevado. Como nêsses dois meses, também no mês de Fevereiro a grande maioria dos peregrinos provinha dos diferentes lugares da freguesia de Fátima e das freguesias circunvizinhas. Houve cêrca de vinte missas e aproximaram-se da mesa eucarística mais de duas mil pessoas.

Depois da última missa, ainda se distribuíu uma píxide cheia de Sagradas Partículas. Entretanto os fiéis que não tinham podido confessar-se mais cedo foram-se acercando do tribunal da Penitência até quási ao pôr do sol.

O "Adeus à Virgem,,

Após a bênção geral com o Santíssimo Sacramento, efectuou-se a segunda procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que foi reconduzida em triunfo, por entre vivas e aclamações, até ao seu altar na Santa Capela. Alí, o rev. dr. Marques dos Santos rezou as últimas orações e fez a consagração de todos à Santíssima Virgem, encerrando assim o ciclo das habituais comemorações religiosas. Por fim, a multidão cantou com entusiasmo o «Adeus à Virgem», entre suspiros de infinda saüdade e lágrimas de íntima alegria e do mais vivo reconhecimento. Ao sol pôsto, no vasto anfiteatro do local das aparições, sôbre o qual desciam ràpidamente as sombras da noite, apenas se via um ou outro grupo de peregrinos retardatários que a muito custo logravam arrancar-se daquela estância bemdita, onde a Raínha do Céu prende e cativa com suaves e irresistíveis encantos as almas e os corações dos seus filhos de Portugal.

Visconde de Montelo



Altar a Nossa Senhora de Fátima na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em CAMPINAS, Estado de S. Paulo, nos Estados Unidos do Brasil — visitada por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, na sua viagem ao Brasil.

"Voz da Fátima"

«A Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem em Portugal.

Em Janeiro tirou 222.000 exemplares e em Fevereiro 234.800, assim distribuídos:

	Jan.	Fev.
Algarve. ...	2.845	2.962
Angra... ...	10.991	14.058
Beja	1.905	2.571
Braga	51.577	54.974
Bragança ...	4.638	5.080
Coimbra. ...	10.087	13.218
Évora	2.700	2.500
Funchal.. ...	13.570	13.859
Guarda. ...	25.068	16.438
Lamego. ...	2.678	3.026
Leiria... ...	7.723	9.273
Lisboa... ...	3.260	4.146
Portalegre...	5.360	5.497
Pôrto	29.116	32.106
Vila Real...	28.408	30.439
Viseu	6.206	7.238
	206.132	217.385
Estranjeiro..	3.455	3.445
Diversos. ...	12.413	13.870
Total. ...	222.000	234.800

A rubrica diversos, abrange os exemplares enviados a assinantes pobres, cadeias e distribuição no Santuário.

Romagem Nacional

Consagração de Portugal à Senhora da Conceição no Santuário de Vila Viçosa

É já do conhecimento do público a grande romagem da Nação lusa aos pés da Padroeira, para renovar a consagração devota e fervorosa feita por D. João IV, numa hora bem trágica, à Senhora da Conceição perante a imagem que o Beato Nuno Álvares Pereira entronizara num Santuário construído a expensas suas, em Vila Viçosa.

A grande imprensa e a pequena imprensa, tanto católica como indiferente, deu já ao facto o devido relêvo, considerando-o acontecimento nacional, que de facto é, mas a «*Voz da Fátima*», pregoeiro das glórias de Maria, em homenagem à Excelsa Senhora, quere convidar (e fá-lo por êste meio), os seus leitores e devotos da Imaculada, a unirem-se pessoalmente ou, ao menos, em espírito, aos milhares de portugueses que, de tôda a Nação, vão acorrer a Vila-Viçosa para, no seu Santuário, de novo a aclamarem, em união mística com as gloriosas gerações de antanho «Senhora da Conceição, sois a nossa Padroeira!»

Como sapientemente disse o Venerando Antístite Eborense, na Proclamação de 18 de janeiro de 1935, esta romagem é a paga duma dívida que está para ser saldada, de há três séculos, da parte de Portugal Católico. São frementes de entusiasmo as palavras da Proclamação a êste propósito: «Evocaram-se os dias trépidos e longínquos em que a Nação, representada pelas suas côrtes, aclamara por Padroeira de Portugal a Senhora da Conceição no seu santuário de Vila Viçosa; e um frémito religioso e patriótico ao mesmo tempo fez estremecer a alma de Portugal, acordou saüdades de antigas grandezas e fez surgir esperanças de tempos melhores e mais tranqüilos.

Acudiu então ao espírito de muitos a ideia de que estava ainda por pagar uma dívida nacional: a Padroeira aceitara o padroado, abençoara os heróicos esforços do povo que despedaçava os grilhões da escravidão, e com maternal carinho lhe consolidara a independência; e a Nação não viera ainda em massa ao seu Santuário, a proclamar num preito grandioso o seu filial reconhecimento. O solar da Padroeira estava como que esquecido: guardado embora carinhosamente pelo povo dos arredores, dir-se-ia ignorado do resto do País que aliás continuava a render vassalagem de culto e amor à Senhora da Conceição. Urgia reparar esta falta e convocar Portugal inteiro para o Santuário de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Padroeira de Portugal».

Foi proposto o alvitre ao venerando Episcopado Português, reünido em sessão plenária, no mês de Abril do ano passado, junto ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, e com júbilo se verificou que foi unânimemente aprovado, ficando desde logo resolvido realizar-se uma peregrinação nacional ao solar da Padroeira em Vila Viçosa, no dia 28 de Abril do ano corrente.

Não é necessário evocar o passado para lembrar aos portugueses os benefícios recebidos das mãos puríssimas de Maria. Mas, como os vèlhinhos recordam com enlêvo os afagos maternais e sentem crepitar-lhes no coração a flama dum amor agradecido, assim nós, gente lusa, embora ainda actualmente mimoseados pelas carícias da Mãe do Céu dispensadas em Fátima, recordamos com afecto e guardamos com amor as aras sagradas que são também testemunho do muito que à Virgem devemos. E a história da protecção de Maria anda sobremaneira ligada a Vila Viçosa. Recorde-se a seguinte passagem da Pastoral de 29 de Outubro de 1933 com que o Venerando Arcebispo de Évora convocava os seus diocesanos para a solene romagem de Dezembro do mesmo ano».

«Alcobaça, Batalha, Belém são, como alguém disse, os Lusíadas de pedra, a cantar através as idades a grandeza de um povo que atravessou os séculos e galgou os espaços de olhos fitos na estrêla bemdita que é a Virgem Maria. E porque ela o guiou sempre a pôrto de salvamento e o envolveu sempre na sua luz meiga e confortadora, êste povo sente a necessidade de exteriorizar o seu reconhecimento, ao mesmo tempo que nos benefícios passados aprende a esperar novos benefícios e a confiar no futuro, que antevê alumiado pela mesma estrêla de bênção. E nunca a sua esperança foi iludida, e graças sôbre graças vieram bastas vezes provar-lhe que nunca se invoca em vão tão amorável Protectora.

As igrejas sumptuosas e as pobres ermidas, a branquejar nos vales ou alcandoradas nos montes, são testemunhas vivas de uma devoção que o perpassar dos tempos não amortece e de uma gratidão que os favores multiplicados dia a dia tornam mais obrigatória. Que lindo poema a devoção filial do povo português pela Raínha do céu, e que cântico de amor a assistência desvelada que ela sempre lhe tem dispensado!

E Vila Viçosa?

Eis um nome que acorda as mais doces reminiscências e que bem se pode chamar uma das mais vibrantes estrofes do lindo poema a que atrás nos referimos. A Vila Viçosa está indissolùvelmente ligada a epopeia da devoção portuguesa a Nossa Senhora; e muito embora o templo de Nossa Senhora da Conceição ali erecto, por quanto majestoso, não possa comparar-se em magnificência nem em beleza arquitectónica aos monumentos portentosos de Alcobaça, Batalha e Belém, forma todavia com êles um dos vértices do que chamaríamos o quadrilátero estratégico desta invencível defesa espiritual que, no meio de vicissitudes sem

(Continua na 2.ª página)

NOSSA SENHORA NA LITERATURA PORTUGUESA

Uma canção à Virgem

EXCERPTOS: *De Sá de Miranda*

Virgem formosa que achastes a graça
Perdida antes por Eva, onde não chega
O fraco entendimento, chegue a fé.
Coitada desta nossa vista cega
Que anda apalpando pela névoa baça
E busca o que, ante si tendo, não vê
Sem saber atinar como ou por que
Entrei polos perigos,
Rodeado de inimigos:
Por piedade a vós venho, e por mercê;
Vós que nos destes claro a tanto escuro,
Remedio a tanta mingua,
Me dareis lingua e coração seguro.

Virgem toda sem magoa inteira e pura
Sem sombra nem d'aquela culpa erdada
Por todos até o fim des o começo
Craridade do sol nunca turbada,
Santissima e perfeita criatura,
Ante quem de mim fujo e me aborreço,
Hei medo a quanto fiz, sei que mereço
Dos meus erros me espanto
Que me aprouverão tanto,
E agora à só lembrança desfaleço,
Mas lembra me porem que vos fizestes
Paz entre Deus e nos
E a quem por vos chamou sempre a mão destes.

Virgem, do mar estrela, neste lago
E nesta noite um faro que nos guia,
Pera o porto seguro um certo norte;
Quem sem vos atinar, quem poderia
Abrir sòmente os olhos vendo o estrago
Que atrás olhando deixa feito a morte?
Quem proa me daria com que corte
Por tam brava tormenta?
De toda a parte venta
De toda espanta o tempo feo e forte.
Mas tudo que será? Com vossa ajuda
Nevoa que foge ao vento
Que num momento s'alevanta e muda.

Virgem, nossa esperança um alto poço,
De vivas aguas, donde a graça corre
Em que se matão pera sempre as sedes.
... ...
... ...
Virgem celestial ja anplando aqui
E em corpo trespassada ao ceo imperio
Sem ser ca vista mais de olhos humanos
Espelho craro, purissimo liric
Que tam suave odor lança de si,
Dada por só remedio ós nossos danos
Contra os demonios, sejão meridianos,
Sejão da noite escura,
Esperança segura;
Contra tais forças, contra tais enganos
Com vosso esforço por terra e por mar
Não digo eu haver medo
Mas sair ledo ao campo e pelejar.

Esta vida, mesmo que decorra favorável à realização das aspirações mais caras, nunca satisfaz por completo os imensos sonhos de ventura de qualquer dos mortais. A chamada «felicidade terrestre» nem sempre contenta o homem. Então, inadaptados ao mundo, e caminhando hesitantemente nêste «vale de lágrimas» da existência, levantamos, de vez em quando, o olhar para o Céu. Esta atitude mística surge freqüentemente nas literaturas cristãs do Ocidente, nomeadamente na portuguesa, como aqui mostrarei. E seja a primeira prova do que digo a linda «Canção» à Virgem, escrita há uns quatro séculos por Sá de Miranda, grande Cristão, que nascera em Coimbra, mas que passou os anos mais ditosos da vida numa velha quinta do Minho, deliciosamente rodeada de vales umbrosos e de colinas vestidas de relva. Êste homem, talvez mais ilustre por suas virtudes do que pelas letras, menosprezou o esplendor pagão da cidade e da côrte. Cêdo compreendeu que a vida simples, pura, desinteressada e humilde, traz ao homem maior contentamento do que os espaventos da civilização.

Um dia, tão cristianíssimo poeta, não se sabe bem porque motivo, foi cruelmente assediado pela amargura. Se procurou na terra remédio para seu mal, é certo que confiava mais na protecção do Céu. E, por isso mesmo, em versos de índole mística e piedosa, implorou humildemente o auxílio da Virgem. Foi então que escreveu aquela famosa poesia: *Canção a Nossa Senhora.*

Vê-se que a mãe de Jesus era muito da devoção do nosso escritor. Louva-a com acendrado fervor religioso e qualifica-a de *Virgem formosa* e de *Rico ramo do tronco de Jessé.* Também lhe chama, encantadoramente, *fonte de graça* e ainda *Santissima e perfeita criatura.* Esforça-se por bem focar a alma sublime de Nossa Senhora, e, em obediência a tal propósito, apelida-a de *Virgem tôda sem mágoa, inteira e pura.* Sim, ela é a mulher *sem mágoa,* isto é, *sem mácula* de pecado.

Busca entre as flores da terra e na abóbada celeste os elementos para retratar a Virgem, e dêste proceder resulta que ora lhe chama *purissimo lirio,* ora a contempla *vestida de sol e coroada de estrêlas.*

Sá de Miranda solicita o amparo dela, porque, bem religiosamente, a crê compassiva e sensível ao sofrimento humano. Sente-se junto duma mãe cheia de ternura e amor. Chama-a, esperançada em que ela o atenderá, e diz-lhe com robusta confiança:

a quem por vós chamou sempre a mão destes.

No mesmo tom confiante e optimista, escreve, dirigindo-se à mãe de Jesus: *valei-me* no meu infortúnio, *a vós bradando por piedade venho, socorro espero.*

Acontece ainda, nesta Canção, que para melhor exprimir a condição de mortal necessitado de auxílio divino, Sá de Miranda recorre a «imagens marítimas». E tanto assim que se julga um náufrago quási perdido nêste pélago tempestuoso da vida. *Venta* com violência, o *tempo* está *feio e forte* e vislumbram-se sinais de *brava tormenta.* Em hora tão infeliz só lhe poderá assistir Nossa Senhora, a quem chama, metafòricamente, *porto seguro* e *estrêla do mar.*

O piedoso lírico vê-se já bastante vergastado pela procela marítima, declara ter já lutado muito contra os ventos contrários, e deseja salvar-se, *nadando* para terra.

A prece poética dêste escritor, sem nada de convencional, é predominantemente sincera e convicta. O corpo está na terra, mas o pensamento voa-lhe para o Céu.

Rompam os meus suspiros o alto céu,
E a vós cheguem, Senhora,

exclama êle, quási ao findar tão bonita Canção. E acaba, tomando a deliberação de pôr os joelhos em terra para rezar.

Feliciano Ramos

A "VOZ DA FÁTIMA,,

é o jornal de maior tiragem em Portugal

Alguns números curiosos

Acabamos de receber o número a «Voz da Fátima» correspondente ao mês de Fevereiro, já impresso em máquina rotativa, com grande formato, considerávelmente melhorado em tôdas as suas secções. É êste actualmente o jornal de maior tiragem que se publica em Portugal. E nenhum outro alcançou até hoje a expansão dêste mensário.

A tiragem dêste número foi de 232 mil exemplares, mais 10 mil do que em Janeiro. Consumiu 24 bobines de papel, de 275 quilos cada uma, ou sejam 6 toneladas e meia. Cada bobine tem 6.500 metros, ou seja o total de 156 quilómetros, mais que a distância de Lisboa a Fátima.

Se a tiragem não aumentasse — e aumenta aos milhares de número para número. — o papel gasto num ano na «Voz da Fátima» teria a extensão de mais de 1.800 quilómetros, ou seja, a distância de Lisboa a Paris. Desdobrado em tôda a nossa fronteira terrestre e marítima envolveria num abraço Portugal inteiro.

Das «Novidades»

CONTO REAL

Um golpe no coração...

O Senhor Prior acabara de rezar o breviário e, depois de passar ao longo da varanda que lhe encima a casa, descansava, na contemplação do imenso vale, a vista enjoada com as misérias humanas.

Recatadamente disfrutada lá de cima, onde ninguém o enxergava, aquela vista lembraria uma gelosia de velho solar mourisco, se a luz não entrasse a jorros, invadindo a casa por todos os lados. Encostara-se à janela a ruminar uma passagem do salmo que acabara de recitar e, com o olhar vago, quedava-se ante o panorama que os seus olhos, encantados, mais uma vez descortinavam com sofreguidão.

Não é largo o vale mas farto de mimos que a Natureza, pródiga como a Fortuna, ali despejou a esmo.

Numa dobra da montanha abre a terra o seio e lança amorosamente de si o formoso rio que engrinalda de verdura a campina, enche as casas de frutos e a cantar e a gemer vai descendo ora lesto ora preguiçoso poucas léguas até ao mar.

É de ver que terra assim regada mais semelha perene jardim de maravilhas que terra habitada de simples mortais.

Quando a água já não chega e a terra se enxuga, começa a vinha a cobri-la tôda pela encosta até que, não podendo mais com o íngreme da subida, ou com o fragoso da serrania, abre caminho à oliveira modesta e serviçal.

Lugares e casais branquinhos de neve põem no ambiente um tom de alegria que nunca mais esquece.

*

Tal é o vale cheio de côr e de vida, fonte de poesia e de beleza que todos sentem e muitos cantam e ninguém se cansa de olhar, pois o matiz do colorido, os cambiantes de verdura, a variedade e a graça ressaltam de tôdas as coisas.

Alma de artista que, na beleza das coisas criadas, sabe ver como em espelho a Beleza Infinita, o prior enchia voluptuosamente a alma, quando duas pancadas sêcas na porta, e, logo, a voz da criada o obrigam a cortar o suave enleio em que todo se deixara embeber.

— *Senhor Prior, a Menina Maria Lina e a mãe que lhe desejam falar.*

— *Está bem, lá vou já.*

E fechando por três vezes os olhos embriagados da luz suave que invadira a casa e o vale ao findar da tarde, desceu a atender as visitas.

*

A Maria Lina era uma rapariga loira, por temperamento e índole vincadamente autoritária, muito ponderada e prudente. Forte de corpo e de saúde e de alma bem formada. Sentira como tôdas, mais duma vez, certa inclinação amorosa por um ou outro dos rapazes das cercanias mas, amor verdadeiro nunca o deixara crescer livremente senão por um rapaz já duro, mais forte do que ela, cheio de vida e de fôrça e querido de tôda a gente.

Sabia-o o snr. Prior e, ao vê-las, preguntou sorridente:

— *Então daqui a oito dias temos bolos, hein?!*

— *Senhor Prior, como está? Passou bem? Faz favor de nos deitar a sua bênção.*

— *O Senhor as abençôe.*

— *O Senhor Prior também está sempre com graças.*

— *Foi o que me disseram.*

— *Daqui até lá...*

— *Ora essa, são dois dias.*

— *Quem sabe?*

— *Não tem o casamento tratado com o Manuel Alves, do Casal de Cinza, pois não? Pelo menos já li os proclamas.*

Resoluta e enleada a Maria Lina queria responder mas não sabia o quê.

Foi então a mãe que para a livrar de embaraços, atalhou:

— *Olhe, Senhor Prior, é por causa disso que nós cá vimos, é.*

— *Para marcar o dia ao certo?...*

— *Não senhor!* responde altiva a Maria Lina.

E começa a história.

«*Eu fui doida em começar um namôro sem primeiro saber bem que peça era o menino que me vinha falar.*

E eu que tinha sido sempre tão acautelada...

Mas o coração é doido.

Gostei dêle. Tôda a gente gostava e dizia bem dêle e... vai eu aceitei namôro e queríamos casar daqui a oito dias».

— *Lá me parecia.*

— *Agora vêm dizer-me que êle que se não confessa.*

— ...

— *Eu venho pedir-lhe por tudo quanto há que me diga a verdade. Isto não é segrêdo. É do rol de confessados. Vá lá, Senhor Prior, e diga-mo já. Estou a ferver, creia.*

— *Não é preciso ir ver o rol.*

— *Mas vá... podia enganar-se.*

O Prior atravessou o corredor, entrou no cartório e pegou do livro.

— *Não há dúvida.* «Manuel Alves, do Casal de Cinza, solteiro». *Está em aberto há 4 anos.*

— *Há 4 anos?*

— *Sim senhor. Quere ver?*

— *E como é que isso se não sabe numa terra tão pequena como a nossa? Parece impossível.*

— *Pode ser que se tenha confessado noutro sítio mas aqui não consta.*

— *É quanto basta. Não preciso de mais.*

A Maria Lina ficara congestionada e com os lábios bastante arqueados. O coração batia apressado e fazia arfar todo o peito. Nervosa, termina a conversa:

— *Era só isto, Snr. Prior. Muito obrigada!* E saíram.

Nesse mesmo dia enviava ao noivo o seguinte bilhete:

Manuel

Peço-te que venhas falar-me àmanhã sem falta.

Maria Lina

*

Estranhou o noivo a letra e o estilo mas atribuíu-o a qualquer pequena crise de nervos e ficou radiante por, mais uma vez, ir estar com a querida do seu coração.

O casamento já de há tempo estava combinado para daí a oito dias. Padrinhos falados, convites feitos, enxoval bordado, tudo pronto. Que seria? Um simples capricho? Talvez.

Pelo sim pelo não, no dia seguinte logo de manhã, lá partiu a ver de que se tratava.

A Maria Lina não dormira. Mal o sentiu veio à janela para não acordar os pais.

— *Tenho uma coisa muito grave a tratar contigo.*

— *O que é?*

— *É verdade que não te tens confessado?*

O noivo sorriu-se vagamente doante de tal pregunta feita assim à queima roupa.

— *Eu espero da tua lealdade uma resposta e resposta verdadeira,* insistiu ela.

— *Para quê? É realmente verdade que me não confessei há já uns 3 ou 4 anos. Mas isso não quere dizer nada. Agora posso tornar a ir.*

— *Porque mo não disseste, há mais tempo?*

— *Porque nunca mo preguntaste. Mas vou lá quando quiseres,* — *dize lá.*

— *Não, eu não mando em ti. De hoje por diante ficam cortadas para sempre tôdas as nossas combinações.*

— *Não te exaltes.*

— *Não. Pensei muito, antes de dar êste passo.*

— *Com tudo marcado, enxoval pronto...*

— *Não importa.*

— *É uma vergonha para mim.*

— *A culpa não é minha.*

— *Olha lá que já passaste dos 25. Não espirres tanto.*

— *Para mim não há 25 nem meio 25. Não estou fatalmente obrigada a casar. Só hei-de casar com quem eu quiser.*

Casar com um homem que não sente comigo a infinita beleza da Religião Católica, que não é piedoso, nem sequer cumpre o essencial, tornar-me escrava dum homem cuja alma nunca sentirei unida à minha, isso nunca!...

— *O passado, passado.*

— *Não, o passado é penhor do futuro.*

— *Não queres então casar comigo? Não me tens amor?*

— *Amei-te deveras e queria casar contigo porque te supunha outra coisa.*

Assim não!

E fechou a janela.

Ao ver o noivo subir a encosta, caiu mergulhada num chorar convulsivo.

Só Deus sabia quanto heroísmo e fôrça de vontade fôra precisa para realizar aquêle corte.

É que o coração estava agarradito. Foi ela que um dia mo contou.

Se se pensasse com tempo e resolvesse com prudência quantas desgraças e arrependimentos se não evitariam.

*

Deus não se esquece.

Deparou há pouco um noivo crente e piedoso a essa alma diamantina de rapariga católica.

Um dia dêstes ao encontrar o snr. Prior foi ela que lhe disse cheia de satisfação:

— *Agora é que lhe vou dar um bolo, Senhor Prior.*

E os olhos do prior sorriram antevendo na sua freguesia mais um lar profundamente cristão e piedoso de que a Igreja tanto precisa no nosso tempo. Deus os faça felizes que bem o merecem ambos!

Oh! se tôdas as raparigas católicas fôssem como a Maria Lina!...

Janeiro de 1935

Galamba de Oliveira

NOTA — No próximo número começaremos a publicação dos contos aprovados pela comissão encarregada de os rever.

Porto - Amadeu

BATATAS DE SEMENTE ESTRANGEIRAS
ADUBOS
União Portuense, Limitada
RUA TRINDADE COELHO-1-C, 2.º DIREITO
PÔRTO

N.ª Senhora na Liturgia

Anunciação da Virgem Maria a 25 de Março

A festa do Natal de Jesus relaciona-se com a da Anunciação, da qual depende; na verdade, à data de 25 de Março corresponde a de 25 de Dezembro, nove meses depois.

Maria vive na sua casinha de Nazaré, depois dos esponsais com S. José; tinha então 14 ou 15 anos.

A cidade de Nazaré pertence à Galileia, província setentrional da Palestina; está situada a 25 léguas ao norte de Jerusalém, a igual distância do lago de Tiberíades a leste e do Mediterrâneo e oeste.

S. Jerónimo chama a Nazaré *uma rosa abrindo a sua corola para o céu.* Deliciosamente reclinada nas primeiras ondulações de uma alta colina, abrigada dos ventos norte e nordeste, a pequenina cidade descansa os pés num tapete de relva que se dobra pelo vale; delicia os olhos no quadro harmoniosamente matizado de tons e côres, que outras colinas mais baixas, cobertas de arvoredo, campos e prados, estendem diante dela; e quási esconde as suas casas branquinhas nos macissos de figueiras, romanzeiras e catos, que brilham à luz do Oriente, como pérolas de nácar e cristal, engastadas no meio da verdura e das flores.

Lugar de calma e de silêncio, solidão bemdita, onde, longe do olhar dos homens, desabrochava na sombra a flor virginal que devia dar ao mundo um fruto divino...

O Arcanjo Gabriel revela a Maria o cumprimento dos altos designios de Deus: *Eu vos saúdo, cheia de graça, o Senhor é convosco, bemdita sois vós entre as mulheres.* E perante a turbação da humilde Virgem, o Anjo anuncia: *Maria, não temais; ganhastes a complacência de Deus. Ides conceber no vosso seio e dareis à luz um filho a quem poreis o nome de Jesus. Êle será grande, chamar-se-á o Filho do Altissimo, e o Senhor lhe dará o trono de David, seu avô. Reinará sôbre a casa de Jacob por tôda a eternidade; e o seu reino não terá fim.*

E Maria, com os olhos perlados de doces lágrimas, observa: *Resolvi ficar virgem; como se cumprirá a vossa palavra?*

O Anjo respondeu: *O Espírito Santo descerá sôbre vós, e o poder do Altissimo envolver-vos-á na sua sombra. É por isso que o Fruto que nascer de vós, será Santidade e chamar-se-á o Filho de Deus.* E acrescenta: *A vossa prima Isabel também concebeu, e está agora no sexto mês, ela que se dizia estéril.*

Eu sou a serva do Senhor, responde por fim Maria, *faça-se em mim segundo a vossa palavra.*

E o Anjo afastou-se, levando ao céu a boa nova. O *Verbo divino fêz-se carne.* Temos um Deus por irmão!

Porto - Amadeu

Três preguntas distintas e Uma só resposta necessária

1.ª — Queres aproveitar todo o *fruto moral das tuas comunhões?*
—Lê e observa as regras e as orações afectuosas do precioso livrinho intitulado:

«A Minha Comunhão Diária»
(Preços 2$50 e 3$00 pelo correio)

* * *

2.ª — Queres anotar os melhores *acontecimentos* da tua vida e registar *as graças particulares* que a Divina Providência te faz?
—Usarás então o livrinho:

«Memórias Breves da minha breve vida»
(Preços 2$50 e 3$00 pelo correio)

* * *

3.ª — Queres instruir-te e progredir no *amor apaixonado* a Jesus Cristo?
—Meditarás a Paixão no livrinho em verso e prosa:

«Via-Sacra Reparadora»
(Preço, 1$50)

Estes livros devem pedir-se:
ou
à Comissão Cultual
ou
ao P.e Alberto Gomes, de Travassos (Póvoa de Lanhoso)

Os Vinhos do Porto
"CARVALHO-MACÊDO"
existem desde 1861.

Nossa Senhora de Fátima no estranjeiro

NO BRASIL

Em Campinas

S. Em.cia o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa na sua visita ao Brasil foi a Campinas, onde tôda a população o recebeu festivamente com o elemento oficial.

A convite da Liga dos devotos de Nossa Senhora de Fátima S. Em.cia foi visitar o lindo altar da sua Padroeira, erigido na igreja do S. Coração de Jesus.

Embora de data recente, a devoção a Nossa Senhora de Fátima em Campinas tem tomado um grande incremento.

Foi o Sr. António Bernardo Miranda quem em 17 de maio de 1930 lançou no periódico «A Tribuna» a ideia de se expôr à veneração dos fiéis a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Organizou-se logo uma comissão dos elementos mais em destaque na cidade composta além do dedicado autor do alvitre, seu filho o Sr. Dr. Falcão de Miranda, ilustre Médico, a Espôsa dêste Sr.ª D. Isabel Dominguez Falcão de Miranda que tem sido dum zêlo e dedicação acima de todo o elogio; as Senhoras D. Maria Ermelinda Lourenço Coelho e D. Laurinda Silva Lourenço.

Mgr. Campos Barreto, Bispo de Campinas, autorisou esta devoção e designou a igreja do S. Coração de Jesus para ser canònicamente erecta a «Liga dos devotos de Nossa Senhora de Fátima» cujas estátuas aprovou.

Igreja de São Conrado em Friburgo, onde se venera a imagem de Nossa Senhora da Fátima ida de Portugal

Em 13 de outubro de 1931 foi inaugurado o altar, com grande solenidade, assistindo o representante do Sr. Bispo diocesano.

Nossa Senhora tem concedido muitas graças aos seus fiéis devotos.

Vinda a Portugal, a Snr.ª D. Isabel Dominguez Falcão de Miranda esteve no Santuário de Fátima e por tôda a parte fala com o maior entusiasmo de Nossa Senhora.

Que a Virgem Santíssima, a quem somos devedores de tantas graças, continue a espalhar as suas Bênçãos sôbre o Brasil e especialmente sôbre Campinas.

NA ALEMANHA

Em Forst

Esteve exposta no Santuário de Fátima uma linda imagem de Nossa Senhora que ali foi benzida pelo Sr. Bispo de Leiria e adquirida pelo R. Pároco de Forst, Baden, Alemanha. Exposta à veneração dos fiéis, em breve a igreja de Forst tornou-se um centro de peregrinações realizando-se ali as cerimónias da Fátima com uma grande concorrência de peregrinos e graças de Nossa Senhora.

Eis o artigo traduzido da «Bote von Fatima».

A chuva de bênçãos que emana do novo lugar abençoado de Nossa Senhora de Fátima em Forst (junto de Bruchsal, Baden) é sempre assombrosa. Em 13 de Novembro, apesar do tempo chuvoso e desagradável, foram cêrca de 2.000 peregrinos em romagem à Mãe de Misericórdia em Forst. Quantas Missas de petição e de acção de graças ali foram celebradas? Seria difícil saber-lhe o número. (Que pêna que tanta gente não comunique as graças recebidas pela Mãe de Deus! Isso edificaria o próximo e levá-lo-ia a ter mais confiança. A gratidão para com Nossa Senhora corresponde Ela com novas graças Como se alegrou o Salvador quando um dos dez leprosos voltou para lhe agradecer diante de tôda a multidão! (Die Schriftleitung).

Das cartas de agradecimento, que nos chegam, das comunicações orais, depreende-se as grandes e diversas necessidades do povo crente, e ao mesmo tempo a sua ilimitada confiança na Raínha do Rosário, nos grandes e pequenos cuidados de todos os dias. Mas quanto mais ricas, variadas e inexgotáveis do que tôdas as necessidades, não são as indizíveis graças de Maria nossa Mãe.

Em Constança

O culto de Nossa Senhora da Fátima entrou também no antigo bispado de Constança. Constança na Idade Média era a maior das dioceses alemãs. Abrangia Würtemberg, parte de Baden e Suábia bávara e uma grande parte da Suiça alemã. Sob a administração do Vigário Geral Inácio de Wessemberg (falecido em 1860) o espírito religioso diminuiu muito na diocese.

Wessemberg era um inimigo do espírito católico, um encarniçado adversário do Santo Padre. Queria fundar uma Igreja nacional alemã. Os costumes religiosos populares, principalmente as romarias e o Rosário, eram-lhe odiosos. Todavia não conseguiu arrancar do coração do povo as crenças e costumes profundamente enraizados dos antepassados. A sua sepultura na Catedral de Constança assim como os seus decretos e escritos contra Roma estão hoje esquecidos.

Eis como começou nesta diocese o culto de Nossa Senhora da Fátima:

«Três devotos de Nossa Senhora resolveram pela primeira vez em 13 de Junho de 1933 ir em peregrinação à capela do Loreto situada a três quartos de hora de distância de Constança sôbre um outeiro junto ao lago Constança em honra da Raínha do Santíssimo Rosário. No caminho juntaram-se mais cinco pessoas.

Atravessámos parte duma floresta e tivemos tempo de rezar em comum e em voz alta dois rosários. Na Capela da peregrinação rezou-se a ladainha e entoou-se o cântico de Fátima. Rezámos ainda outras orações apropriadas à ocasião entremeadas com cânticos a Nossa Senhora.

De volta a casa rezâmos de novo em comum o rosário até ao ponto de partida — Friedrichsbank junto à floresta do Loreto que ficou, desde então, o nosso ponto de reünião.

A 13 de Julho eramos 22 peregrinos e no último mês o número subiu a 45. Com o tempo adquirimos uma linda imagem de N.ª S.ª do Rosário de Fátima, que agora está adornada e alumiada no dia 13 de cada mês, *entre duas velas.* No fim da devoção distribui-se a todos os peregrinos o «Bote von Fatima». Que a Mãe de Deus conceda a todos e às nossas modestas obras da Acção Católica, as suas bençãos!»

Em Munich

Munich tem finalmente o seu santuário de Fátima! Demorou bastante até que a linda imagem de Fátima, que generosos bemfeiteres conseguiram, viesse conquistar o lugar de honra na antiga igrejinha de Winthir (München-Neuhausen). Primeiramente abriu a tôrre da pequena igreja em 6 de Agosto de 1931. Parecia então que o venerando santuário, que conserva bem viva na mente do povo a lembrança dos piedosos ermitões de Winthir, tinha de ser completamente demolido porque se tornara um estôrvo ao trânsito. Foi por fim reconstruído graças à energia do então pároco e actualmente Cónego Rev.mo P.e Simon-Inschl que é um grande entusiasta por tudo o que se relaciona com Fátima. Festejaram o dia 13 de Agosto de 1934 com a entrada de N. Senhora do Rosário de Fátima na nova igrejinha, graças à vinda do Rev.mo Niggl, pároro da cidade. Com grande fervor ornamentaram a imagem e com mais fervor ainda se prepararam com muita oração para o belo dia. «Nós agradecemos de todo o coração à Virgem Mãe de Deus, a prerrogativa de nos permitir erigir a sua imagem na nova igrejinha, que tantas canseiras e cuidados deu». A festa foi para todos os devotos de Munich uma hora inesquecível. E êles merecem realmente todo o louvor. Há já cinco anos que êles fazem uma romagem de penitência ao Santuário de Santa Maria Eich em todos os dias 13. O número dos que nela tomam parte é já de 150. O caminho leva na ida e na volta sete horas (!!) E agora para aquêles que não podem suportar tais fadigas e para lhes proporcionar ocasião de festejarem o dia 13 estabeleceram a 13 de Julho de 1934, a hora de Fátima na bela igreja de Mariatalkirchen (igreja de Maria do Vale) com a permisão do Rev.do Marx, pároco da cidade. A 13 de Setembro de 1934, deu-se o mesmo na igreja paroquial de S. Ursula (München-Schwbing), onde a veneração a Maria «Raínha dos Corações» tem um lugar especial. Têm por conseguinte os devotos de Munich em todos os dias 13 uma hora de festa em quatro sítios, em memória da aparição de Nossa Senhora de Fátima. Que outra grande cidade católica se lhe pode comparar? — Que Nossa Senhora do Rosário de Fátima atenda as ardentes preces dos devotos de Munich e derrame sôbre tôda a cidade especialmente sôbre o Clero a abundância das suas graças celestiais!

(Trad. do «Bote von Fatima»)

Em Friburgo

Imagem de Nossa Senhora

Além do S. S. Sacramento alberga, há algumas semanas, a Igreja de S. Conrado, de Friburgo, mais um tesouro precioso — a Imagem de N. Senhora de Fátima. Rosto e olhos dão-nos ideia duma aparição celestial. Sôbre uma nuvem, a Mãe de Deus ora por nós e fita-nos cheia de amor materno. O manto está coberto de pedras refulgentes e a túnica interior, caíndo em pregas, harmonisa-se admiràvelmente com o resto do conjunto. O artista que ideou esta obra deve ser um verdadeiro crente pois só assim conseguiria imprimir-lhe um pedaço da sua alma. Emquanto os olhos se extasiam na contemplação desta maravilha, vai-se apoderando de nós um desejo ardente e irresistível de depositar nestas mãos em súplica tudo o que nos vai na alma e nos oprime o coração.

(Traduzido do semanário «Aus der Gemeinde» de Friburgo — Alemanha.)

Porto - Amadeu

NA POLÓNIA

Tem feito grandes progressos o culto de Nossa Senhora de Fátima na Polónia.

Mgr. Dom. Sciskala, de Radoon (cidade de 2500 habitantes, industrial, pertencente antes da guerra à Rússia e hoje faz parte da Polónia) e o Rev. J. Plawiute, professor do Gymnasium (liceu) em Tlumacz, perto do Atalislau ou Stanislawow, distrito de Lwow encomendaram 2 estátuas de Nossa Senhora de Fátima, mas querem que sejam feitas e benzidas em Portugal e tocadas na imagem do Santuário.

Projecta-se a fundação duma casa de propaganda de Fátima na Polónia protegida por Mons. Éfarneckia, Bispo Católico-rutheno (isto é, que segue o rito católico russo) e debaixo da direcção do Rev. Plawiute.

NA IUGOSLAVIA

A magnifica revista «Zivot» (Vida) que se publica em Zagreb (Sarajevo), na Iugoslávia, publicou dois notáveis artigos do Rev. P.e Bock (S. J.) sôbre Nossa Senhora de Fátima, intitulados:

«Renascença espiritual de Portugal devida a Nossa Senhora de Fátima» e

«Eco dos acontecimentos de Fátima na Lusitania entre os católicos, sectários, na Hierarquia e na Bênção do Céu»

Estes artigos foram publicados em volume separado e têm sido muito espalhados naquele país para o qual desejamos todas as Bênçãos do Céu.

Voz da Fátima

DESPESA

Transporte	536.639$60
Papel, comp. e imp. do n.º 149 (234.800 ex).	13.077$20
Franquias, embalagem, transporte etc.	4.410$53
Na administração	580$75
Total	554.708$08

Donativos desde 15$00

Margarida Vieira — Vila da Feira, 15$00; António Rodrigues — Barcelos, 20$00; Beatriz da Assunção — Vista Alegre, 20$00; esmola de Sequeiro, 20$00; Ir. M.ª Et. de S. José — Damão, 40$50; M.ª Aug.ta de Oliveira — Soure, 20$00; M.ª Leonor de Oliv.ª — Soure, 15$00; Ester Lopes — Lisboa, 15$00; Colégio de N.ª S.ª da Conceição — Viseu, 20$00; Eugénia Alice Jorge — Ribaldeira, 20$00; esmola dos Açôres, 20$00; Ana da Costa — Pôrto, 20$00; Elvira de Carvalho — Lisboa, 50$00; Acácio dos Santos — Junqueira, 20$00; M.ª Zulmira Galhardo — Penamacôr, 46$20 P.e Jaime Ferreira — Fig.ª da Foz, 20$00; Augusto Macedo — Lisboa, 20$00; Maria Herculana — Turcifal, 20$00; P.e Ant.o Nunes Alberto — Lobito, 50$00; P.e José Dias — Olivais, 15$00; M.ª E. Acciainoli — Braga, 30$00; M.e Anite Aufrère — França, 15$00; Eponina Teixeira — Baía — Brasil, 50$00; Eduardo Gomes de Oliv.ª — Funchal, 30$00; Vítor de Sousa — Vila do Pôrto, 20$00; Albertina da Silv.ra Albuquerque — Lisboa, 20$00; Irmãs de S. José de Cluny — Cabinda, 200 francos; M.ª da Conc. Baptista — Gamelas, 20$00; Rita Pero Moniz — Cadaval, 20$00; Manuel Felix — Califórnia, 22$60; J. R. Rodrigues — Califórnia, 22$60; Mons. Fontes — Califórnia, 22$60; Mrs. M. Martins — Califórnia, 45$20; M.ª das Dôres Guicharel — Tabuaço, 20$00; Angela Albuq. de Oliv.ª — Braga, 20$00; M.ª Júlia de Oliv.ª — África, 50$00; M.ª Chaparro Silva — Monchique, 20$00; M.ª da Conc. Henriques — Encarnação, 50$00; Gertrudes Oliv.ª Santos — Estoril, 20$00; Teodora Rebôcho — Évora, 20$00; Plácido da Fonseca — Brasil, 20$00; Ernesto Monteiro — Brasil, 20$00; M.ª Leonor Coutinho — V.ª do Castelo, 20$00; Abílio Bandeira Dias — Alfena, 50$00; Emília de C. Frazão — Vales, 20$00; Ana Albertina Rebêlo — Taboaço, 20$00; Conceição Marques — Pôrto, 15$00; Josefina do Vale — Portimão, 15$00; M.el F. Malheiros — Murça, 20$00; Maria Silveira — América, 22$45; P.e Joaquim Mendes — Coimbra, 20$00; M.ª José Neves — Guimarães, 15$00; Joaquim J. da Costa — Pôrto, 15$00; M.ª Isabel da Rocha — Lisboa, 25$20; José João Nunes — África, 20$00; M.ª da Piedade B. da Cunha — Pôrto, 50$00; António Loureiro — Pôrto, 15$00; Alice dos Reis — Nova Gôa, 40$10; Francisco José Lopes — Argentina, 130$00; Emília Oliveira — Poiares, 19$00; Virgínio Ferreira — Pôrto, 15$00; José Francisco Santiago — Arieiro, 20$00; Angelina C. Rosa — Vila Real, 20$00; M.ª Isabel da C. Russo — C. de Vide, 25$00; Manuel Almeida — França, 15$00; Artur Rodrigues — Douro, 20$00; Joaquim da Costa — Telhal, 20$00; M.ª Ana Galvão — Beringel, 20$00; Izabel Falcão — Lisboa, 20$00; M.ª Aguiar Leal — Alvorninha, 20$00; Distrib. em Pardelhas, 43$00; Rosalina da Glória — Pardelhas, 20$00; António Ribeiro — Cristóvãos, 200 francos; Jesuína Rodrigues — Loures, 15$20; Bernardino Gomes — Negrelos, 20$00; José do P. Bacelar — Braga, 16$00.

VELAS DE CARDIGOS
PURA CERA DE ABELHAS.
MAXIMA DURAÇÃO E RESISTÊNCIA.
NÃO FAZEM FUMO, NÃO SUJAM OS ALTARES.
PAVIO ACENDEDOR — FABRICO ESPECIAL
PEDIDOS AOS FABRICANTES
J. D'OLIVEIRA TAVARES, FILHOS
CARDIGOS — (PORTUGAL)

PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS
Escreva a:
MAIAS, IRMÃOS - Escultores
Cidadelha — Castelo da Maia

ROMAGEM NACIONAL

(Continuação da 1.ª página)

conto, tem assegurado miraculosamente a existência da pátria portuguesa.

Escreveu-se em volta dêsse templo uma página de história que perdura ainda, nêle se concretizou a vassalagem de Portugal à sua celeste Raínha. Foi em hora angustiada e incerta, quando a pátria fazia apêlo a todas as energias da raça e a todos os recursos da fé para salvaguardar a própria independência, que as Côrtes Gerais da nação, num arranco de fé e de inabalável confiança, buscando no céu um amparo que a terra parecia negar-lhes, aclamaram a Virgem Senhora da Conceição por Padroeira de Portugal, e o Rei se declarou seu vassalo obrigando-se a pagar perpètuamente um avultado tributo ao seu santuário de Vila Viçosa.

E desde então êste santuário ficou sendo como o baluarte espiritual de Portugal, o alcaçar da Raínha amorosa e potente a quem êle pertencia por doação irrefragável. Guardava-se ali, e ali se conserva ainda a veneranda imagem que o Condestável santo doara à histórica vila erguendo-lhe um trono na capela do seu castelo, que lá está, vèlhinho e solitário, como pregoeiro da vetusta homenagem e velando como sentinela junto do templo que ao primitivo oratório sucedeu. Imagem veneranda pela vetustez, veneranda pelo doador, mais veneranda ainda pelo que representa, tem visto passar por diante do seu altar muitas gerações de crentes e em volta dela palpita a alma de Portugal numa evocação de glória e de infindo reconhecimento. Se é para o povo crente motivo de justa ufania o ter como Padroeira a Raínha Imaculada, é impossível recordar semelhante padroado sem recordar ao mesmo tempo o santuário onde êle se proclamou e que Vila Viçosa guarda com filial carinho».

Meditando estas razões o nosso Venerando Episcopado resolveu reünir em Vila Viçosa as côrtes gerais da Nação para repetir o juramento e o pacto das Côrtes de 1646. Lá estará todo o Episcopado com o Em.mo Cardial Patriarca à frente; lá estará naturalmente o Núncio de Sua Santidade; lá estará o clero com a nobreza e o povo, militares e civis, grandes e pequenos, todos os que conservem na alma uma centelha da fé antiga e do patriotismo dos Restauradores, como diz a Proclamação.

Tudo nos leva a crêr que a romagem de 28 de Abril vai ficar gravada a letras de oiro nos anais das glórias de Maria entre a gente lusa.

Vivamos, pois, a hora que Portugal vai passar de joelhos aos pés de Maria em Vila Viçosa; e, se lá não pudermos estar pessoalmente, vamos em espírito, nêsse dia, ao Santuário da Padroeira, depôr nas suas mãos sagradas uma prece pelo ressurgimento espiritual da nossa Pátria e do Alentejo.

Organização da Peregrinação

1) Em Évora está organizada uma Comissão Central, presidida por Mons. Silveira Barradas, que desde já pode dar todos os esclarecimentos. Esta Comissão tem várias secções: de secretaria, de alojamentos, de recepção de Prelados, de propaganda, de música, etc.

2) Em todas as Dioceses há um delegado desta Comissão com quem os fiéis se devem entender para assuntos da Peregrinação.

3) Estão em organização vários combóios especiais, partindo um da Beira-Baixa, outro do Pôrto, outro de Coímbra, um do Douro e outro do Algarve.

É de tôda a conveniência que desde já se inscrevam as pessoas que desejem tomar parte na Peregrinação para evitar as dificuldades da última hora.

4) A organização está a ser feita de modo que a todos os peregrinos seja aberta faculdade de visitar Évora, a «Cidade-Museu».

Até na Alemanha...

Uma das coisas que maior curiosidade despertou nos visitantes da última Exposição Colonial do Pôrto foi a maneira de fazer uma imagem.

Era primeiro um tronco grosso, informe.

Pouco a pouco foi-se ajeitando e já parecia o que depois veio a ser: uma linda imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Cheios de interêsse, preguntámos para quem era.

— Para uma igreja da Alemanha.

E não admira, pois que o seu autor é o conhecido artista

José Ferreira Tedim

Coronado — Santo Tirso

que até na Alemanha conta já inúmeros clientes.

Graças de Nossa Senhora da Fátima

Gangrena

Em Setembro de 1930 meu Pai — Luís Gonçalves Matos começou a sentir-se inesperadamente mal. No dedo polegar do pé esquerdo apareceu-lhe uma mancha preta que pouco a pouco foi tomando o dedo e depois todo o pé.

Seguidamente foram chamados cinco médicos sendo todos concordes em afirmar que se tratava já de uma gangrena. A unha do dedo polegar já tinha desaparecido e meu Pai sofria horrivelmente. Com excepão dum médico que aconselhava a amputação da perna todos diziam que nada tinham a fazer, — «ou a natureza reagia ou meu Pai morreria». No fim de Dezembro peorou e assim esteve todo o mês de janeiro. No meio de tanta aflição, já perdida a esperança nos socorros dêste mundo, ainda me restava uma esperança que nunca perdi, — obter o salvamento de meu Pai, por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

Fiz várias promessas que já cumpri, devendo ainda a de publicar a graça da cura de meu Pai, caso ela fôsse alcançada por intercessão de Nossa Senhora da Fátima. Quando nenhuma esperança humana havia já de melhorar, em Fevereiro, inesperadamente sente-se melhor, estando pouco depois livre de perigo. Até hoje nada mais teve do terrível mal que o ameaçou, eis porque, com o meu agradecimento à Mãe do Céu, me apresso a vir proclamar as misericórdias de Maria, para comigo e para com os meus por ter livrado meu Pai da morte que em breve sofreria.

Rande — Longra.

Maria da Conceição Gonçalves Faria

Doença no fígado

D. Filomena Zulmira Dutra e D. Francisca Isabel de Mendonça — Cedros, Faial — Açores, em carta colectiva dizem-nos o seguinte: — «É o brado sentido e de agradecimento de uma espôsa e de uma mãe aflitas que, vendo seu marido e filho António Furtado Mendonça minado por uma terrível e pertinaz doença do fígado, recorreram com muita fé a Nossa Senhora da Fátima pedindo as melhoras do doente para alegria das mesmas e para guarda e amparo de algumas criancinhas inocentes que são o encanto do seu lar, prometendo publicar a graça alcançada e enviar uma esmola para auxiliar o culto de Nossa Senhora da Fátima na estância bemdita da Cova da Iria.

A Virgem da Fátima dignou-se acolher a humilde súplica despachando-a tão benignamente que o doente começou logo a experimentar sensíveis melhoras achando-se a caminho de um completo restabelecimento, pelo que vimos hoje proclamar as misericórdias da Mãe de Deus e enviar uma esmola para o seu culto».

Graças diversas

Na Redacção dêste Jornal foi recebida uma carta dizendo o seguinte: — «Maria Eulália Mendes Barata, residente no Porto, vendo sua caseira, Amélia Correia da Silva, do Louro, gravemente doente, invocou Nossa Senhora da Fátima prometendo publicar a graça da cura e dar uma esmola para o Santuário, e sendo prontamente atendida, vem cumprir a sua promessa manifestando o seu reconhecimento.»

— *José João Nunes* — Beira, Africa Oriental, com a aplicação de algumas gotas da água do Santuário de Nossa Senhora da Fátima numa região do seu corpo em que sofria obteve por intercessão de Nossa Senhora a cura que tanto desejava pedindo aqui seja publicada.

— *Henrique Ligeiro das Neves* — Maiorca, Figueira da Foz, teve seu filho Manuel em grave perigo de vida, porque com o pescôço excessivamente inchado a custo podia respirar. Aflito pela dificuldade da respiração não podia dormir havia já algumas noites, o que aumentava o seu sofrimento e a sua prostração. Seus pais, a ver se alcançavam para o filho a saúde de que tanto carecia, recorreram à medicina. Vendo sem eficácia tantos esforços e despesas, resolveram entregar a cura do seu filho à maternal protecção de Nossa Senhora da Fátima, a quem fizeram algumas promessas dando também a beber à criança algumas gotas da água do Santuário.

A eficácia de tal resolução não se fez esperar, pois que, pouco depois, o mal foi desaparecendo encontrando-se hoje a criança completamente bem, com suma alegria para seus Pais e para os seus outros irmãos.

— *D. Palmira de Morais Ferreira* — Porto, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça material que por sua intercessão recebeu.

— *D. Maria Elvira Garcês* — Paredes, tendo recebido duas graças particulares por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, deseja agradecer aqui pùblicamente êsses favores.

— *D. Maria Vitória de Albuquerque Cardoso* — Vila Boa de Quires, vem agradecer pùblicamente duas graças que alcançou do céu por intercessão de Nossa Senhora da Fátima e do S.S. Coração de Jesus.

— *D. M.ª dos Santos Silva, D. M.ª A. M. S. Silva* — de Lisboa, cheias de alegria por diversos favores que para sua mãe alcançaram por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, manifestam aqui a sua gratidão para com tão extremosa Mãe.

— *D. Emília Dias do Espírito Santo* — Amadora, durante muito tempo teve a cabeça numa chaga viva, exalando um cheiro nauseabundo e sofrendo horríveis dores. Depois de várias consultas médicas sem resultado, obteve a saúde por intercessão de N.ª S.ª da Fátima a quem pùblicamente aqui vem agradecer.

— *D. Maria J. X. Vieira* — S. Francisco, Califórnia, pede seja aqui publicada uma cura rápida que por intercessão de N.ª S.ª da Fátima alcançou do céu em favor de um seu filho que, no último mês dos seus estudos se achou doente. Por favor especial de Nossa Senhora da Fátima obteve rápidas melhoras podendo assim com bom êxito concluír os seus estudos.

— *D. Idalina Abrantes* — Santos, Brasil, depois de duas operações a que teve de se sujeitar, encontrou-se também mal dum pulmão. Recorreu com sua família à intercessão de Nossa Senhora da Fátima e, tendo alcançado a saúde, vêm pùblicamente agradecer tal favor.

— *Alexandrino do Espírito Santo* — Brasil, alcançou por intercessão de N.ª S.ª da Fátima uma graça temporal, favor que aqui deseja proclamar.

— *D. Leonor Constança* — Santos, Brasil, agradece a cura de sua irmã Ana, que sofreu da garganta a ponto de ser desenganada dos médicos. Feita uma novena a N.ª S.ª da Fátima obteve a cura que desejava.

— *D. Maria da Cunha* — Lisboa, agradece a N.ª S.ª da Fátima uma graça temporal concedida a um seu filho que fôra vítima dum engano ou mal entendido.

— *D. Ana Melo Borges* — Lisboa, diz o seguinte: — «tendo alcançado de Nossa Senhora da Fátima diversas graças espirituais e temporais venho muito reconhecida patentear o meu agradecimento por intermédio da «Voz da Fátima.»

— *D. Palmira Silva* — Lisboa, agradece a N.ª S.ª da Fátima uma graça particular que do céu alcançou por seu valimento.

— *D. Crisante Fig.do Marreiros Leite* — Algoz, alcançando para seu marido uma graça por intermédio de N.ª S.ª da Fátima, vem agradecer êsse favor.

— *D. Eugénia Brites de Fig.do Graça* — Vila do Conde, alcançou por intercessão de N.ª S.ª da Fátima a cura da sua vista. Cheia de gratidão, pede aqui seja publicado tão insigne favor.

— *D. Maria Amélia da Cruz* — Aldeia de João Pires, vem muito agradecida render as homenagens do seu reconhecimento à Virgem N.ª S.ª da Fátima, por cuja intercessão foi curada de hemoptises que tinha havia já cêrca de doze anos.

— *D. Belizanda de Jesus Miranda* — Brasil, alcançou diversas graças por intercessão de N.ª S.ª da Fátima a quem aqui proclama como sua maternal benfeitora.

— *D. Maria da Conceição* — Campêlos, tendo um seu cunhado prestes a ficar cego, fez a Nossa Senhora da Fátima uma novena e diferentes promessas a favor do mesmo, e tendo alcançado para êle a cura, vem agradecer tal favor.

— *D. Maria Teixeira* — Quintãs, Boticas, pede para aqui serem publicados diversos favores concedidos a várias pessoas da sua família por intercessão de N.ª S.ª da Fátima.

— *D. Fugénia Marreiros Núncio* — Alcácer do Sal, agradece a N.ª S.ª da Fátima uma graça particular que lhe foi concedida por sua intervenção.

— *D. Luiza da Graça* — Várzea de Santarém, obteve para diferentes pessoas da sua família diversas graças especiais que deseja aqui sejam agradecidas.

— *D. Maria Vitória* — S. Catarina, agradece a N.ª N.ª da Fátima o grande benefício de a ter livrado duma dôr aguda que tinha na mão direita e que até então a impedia por completo de trabalhar.

— *Renato da Silva* — de Lisboa, diz em carta o seguinte: — «Venho pedir o favor de publicar na Voz da Fátima o meu agradecimento à Santíssima Virgem por várias graças temporais que por sua intercessão me foram concedidas por Deus.»

— *D. Maria Cândida da Purificação Dias* — Açores, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de uma ferida que teve no rôsto, cura que obteve depois duma novena que fêz a Nossa Senhora da Fátima.

— *D. Elisa Amarilis de S.to Cristo* — Açores, tem uma filha que sofria duma doença contagiosa e renitente aos tratamentos preceituados pelos médicos. Tendo obtido a sua cura por intercessão de N.ª S.ª da Fátima vem agradecer êsse favor.

— *Manuel Saraiva de Carvalho* — da Covilhã, diz: «tendo recebido uma graça muito grande por intercessão de N.ª S.ª da Fátima venho pùblicamente agradecer-lha em cumprimento duma promesa por mim feita à mesma Senhora.»

— *D. Beatriz Augusta* — de Coimbra, agradece a N.ª S.ª o ter-lhe alcançado a cura de frequentes ataques que atrozmente a atormentavam.

— *D. Henrique Camacho* — de Lisboa, sofreu uma prolongada e cruel aflição no coração. Com a intervenção de N.ª S.ª da Fátima obteve rápidas melhoras, favor êste que pede aqui seja publicado, como prometeu.

— *António Vieira da Silva Júnior* — de Vilar do Paraíso, agradece a cura de sua filha que, doente a pontos de ser desenganada pelo seu médico assistente, recuperou plena saúde depois de ter tomado a água do Santuário da Fátima a cuja Senhora fez orações e algumas promessas.

Quando precise dum jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

Concurso LITERARIO

A «Voz da Fátima» aceita contos para serem publicados nêste jornal com as seguintes condições:

1.ª O assunto será moral, religioso e, de preferência, marial;

2.ª o português puro, correcto, claro, popular;

3.ª o diálogo vivo, animado;

4.ª original;

5.ª escrito à máquina ou, pelo menos, com boa caligrafia;

6.ª A redacção reserva-se o direito de o publicar ou não e em caso algum restituír os originais;

7.ª Ocupar uma coluna do jornal;

8.ª O autor do conto publicado tem direito a uma gratificação de cinqüenta escudos (50$00) a receber passado um mês. Se durante êsse tempo alguém descobrir que o conto não é original, o autor não recebe nada e quem descobriu recebe trinta escudos (30$00).

A correspondência deve ser dirigida à Redacção da «Voz da Fátima» — Fátima.

Igreja dos Congregados

Uma obra de arte

Dum nosso prezado colega do Pôrto transcrevemos com a devida vénia a seguinte notícia:

«A notícia andava no ar. O reporter farejou-a, sentiu-a, manobrou habilmente o botão do aparelho receptor e deteve a onda.

Dizia-se que um grupo de amigos da Confraria de Santo António dos Congregados resolvera dotar aquêle grandioso templo com um melhoramento importante.

Nesta época de renovação, em que a palavra «melhoramento» soa por tôda a parte, acicatou-nos a curiosidade, o desejo de saber de que se tratava.

Um melhoramento numa igreja: grandes obras de reparo, de transformação, ou quê?

—Trata-se dum novo Sacrário, disse-nos alguém.

É obra imponente, de grande estilo e destina-se ao altar-mór.»

Como esta notícia provocou um certo movimento de curiosidade em nosso meio artístico, procurámos colher informações, conseguindo averiguar que o novo Sacrário destinado ao altar-mór da igreja dos Congregados, e que vai ser oferecido à Confraria de Santo António por um grupo de bemfeitores, está sendo executado, de facto, nas oficinas da Ourivesaria Aliança, como o dá a perceber a notícia transcrita.

Tanto basta para se poder afirmar que se trata duma autêntica, duma preciosa obra de arte.

Eis a escrava do Senhor faça-se em mim segundo a sua palavra. (S. Luc. 1, 38).

"A CAMPONEZA"
MANUEL PORTELA — Vila Nova de Famalicão
Fábrica Produtora de:
Colmeias e todos os acessórios para tratar das abelhas;
Galinheiros e **Cosineiras** e tudo o que é preciso para criação de galinhas e coelhos;
Semeadores e **Sachadores**, Tararas, Charruas, Descaroladores de milho, etc. Tôdas as máquinas para agricultura em geral;
Material para **Adegas**, Esmagadores, Prensas, Bombas de trasfega, Batoques, etc.
O mais moderno, perfeito e barato.
Ex-sócio Fundador e Gerente da «Lavoura» e agora da Fábrica «A Camponesa».
FAMALICÃO

PHOENIX
Companhia Ingleza de Seguros, estabelecida em Portugal há século e meio.
20 — Av. dos Aliados — Pôrto

O homem que se não conhece a si próprio é capaz de fazer mais mal ao Bem, do que os seus mais temíveis adversários. Palau

Termas de Monte Rial
Estância dos artríticos e dos gastro-intestinais
Aguas soberanas no tratamento das doenças do fígado, rins e intestinos. Bom Hotel e pensões — Clima magnífico — Capela — Garage — Estação do C.º de Ferro própria (Monte Rial).
Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL — OESTE.

SENHOR PADRE:
Quere VINHO bom para a **Santa Missa?**
Peça preços a: **António de Oliveira**
Aldeia Nova — NORTE

Impressões da Fátima

Pela Ex.ma Sr.ª D. Maria Bastos — Braga, foi enviada à Redacção da *Voz da Fátima* com pedido de publicação a carta seguinte que transcrevemos quási na íntegra:

Fátima — palavra santa, que só de pronunciá-la nos sentimos como que desprendidos de mesquinhas ambições, de fúteis cuidados, de mórbidas tristezas que tanto nos afligem e acabrunham e que, pouco depois, se transformam nos mais puros e nobres sentimentos, nas mais santas e sublimes aspirações.

Se só o pronunciar esta palavra opera prodígios tão admiráveis, que fará então a visita a êsse lugar privilegiado, a sua contemplação e, principalmente a meditação de tudo quanto de maravilhoso aí se passa!?...

E se não, é ver que, de tantos milhares de pessoas que têm a dita de ir a Fátima poucas serão as que não desejam ardentemente ali voltar. E porquê? Pela beleza natural do sítio? — Não por certo, pois não o enfeitam vetustas e frondosas árvores como ao Bom Jesus do Monte ou como ao Bussaco, nem o seu horizonte é vasto como o do Sameiro, S. Luzia e tantos outros lugares lindos dêste tão lindo Portugal. Contudo, emquanto a mão do homem o vai lentamente transformando, a natureza lá o vai em seu tempo esmaltando de singelas e encantadoras florinhas.

Que será então o que aí atrai essa interminável multidão de peregrinos? — Apenas a sua muita fé, a sua muita piedade, pois nem comodidades aí podem fruír, visto o Albergue e pensões que já lá existem e que nos dias ordinários satisfazem plenamente serão impotentes para acolher essa ingente multidão que a Fátima acorre nos dias 12 e 13 de cada mês, principalmente nos meses de Maio a Outubro.

* * *

Foi nos primeiros dias de Maio que me foi dado realizar essa piedosa romagem acompanhada dalgumas pessoas de família e duma amiga, e todas nos sentimos animadas duma intensa fé e dum ardente desejo de nos prostrarmos aos pés da Virgem da Fátima para implorar a sua protecção.

Minha irmã que já há bastante tempo passava mal de saúde e que ainda na véspera da partida se sentiu tão mal disposta que julgou não poder ir, levantou-se de madrugada sem grande custo, passou muito bem todo o tempo da viagem, e, em Fátima pôde ter a mesma vida que nós, isto é, passar quási todo o tempo, durante os três dias que na Cova da Iria nos demorámos, junto da Virgem, nessa tão pequenina, tão branca e tão linda Capela onde Ela parece sorrir-nos e apiedar-se de nós; ou então percorrendo o terreno que a cerca, e onde nos comprazíamos em admirar e colher as singelas e encantadoras florinhas que tão profusamente o revestiam, não deixando também de ir orar à Capela das Confissões e de admirar as já adeantadas obras da grande Igreja em construção.

Que santa a vida que passámos durante os poucos dias que em Fátima estivemos e como a todas custou o ter de abandonar tão santo lugar!

Resta-nos como a tantos outros que tiveram sorte igual à nossa, a esperança de podermos lá voltar, e emquanto tão ardente desejo se não realiza, continuaremos a implorar a Vossa poderosíssima protecção e a bemdizer-vos, Mãe Santíssima, por todos os benefícios recebidos, e muito particularmente por terdes alcançado a saúde para minha Mãe, provando mais uma vez que não abandonais os que a Vós recorrem com fervor e confiança.

Maria Basto

Questionário catequístico

Sacramento da Comunhão

1.) — *Como se conserva e aumenta a graça recebida no Baptismo e acrescentada na confirmação?*

R.) — No Baptismo recebendo a graça santificante, a prenda mais rica que o homem possue, que lhe dá direito a entrar no céu.

Na Confirmação robustece-se essa graça com os dons do Espírito Santo.

A sagrada Comunhão conserva e desenvolve a vida sobrenatural, assim como o alimento produz idêntico efeito no corpo.

E por isso é que quem mais vezes receber a Nosso Senhor com as devidas disposições mais fôrça espiritual adquire para praticar o bem e fugir do mal.

2.) — *Será a comunhão uma vez por ano suficiente para nos conservar na graça de Deus?*

R.) — De ordinário não é. Por isso recomenda a Santa Igreja que se receba o Senhor mais vezes.

Nosso Senhor também o indicou quando nas revelações a Santa Margarida Maria, prometeu o céu aos que fizessem uma novena de comunhões nas primeiras sextas-feiras de nove meses seguidos. É um convite à comunhão mensal.

3.) — *Qual é então o desejo da Santa Igreja a respeito da comunhão?*

R.) — O desejo da Santa Igreja é o de Nosso Senhor: expresso naquelas palavras: *A não ser que comais o meu corpo e bebais o meu sangue, não tereis a vida em vós. S. João Cap. VI.*

4.) — *Quais são os efeitos duma boa comunhão?*

R.) — Conserva a inocência baptismal; enfreia a soberba, avareza, luxúria, ira e demais paixões; cura tôdas as chagas que os pecados veniais nos deixam todos os dias na alma, e é o melhor preservativo do pecado mortal.

5.) — *Se a comunhão freqüente produz tão belos resultados, porque é que se não vê mais gente à mesa eucarística?*

R.) — Porque muitos não o sabem, outros não vão por respeitos humanos, e ainda outros cuidam que é preciso confessar-se sempre antes da comunhão; quando uma confissão pode bastar para outras comunhões, conforme o confessor indicar.

Cinco minutos ao cavaco

Aqui há gato!

— Então, compadre Borromeu, já foste à desobriga, ou não?

— Não fui nem faço tenção de ir, compadre Barnabé.

— Muito me contas, compadre! Então não és cristão? Não te lembras do que diz o Catecismo: *Confessar-se ao menos uma vez cada ano?*

— Lá falta de memória não tenho eu, compadre. O que tenho é falta de crença nessas coisas. Estou convencido de que os padres é que inventaram a Confissão.

— És um herói, compadre! É preciso mandar levantar-te uma estátua! Pois estamos a levantar estátuas a quem descobriu o Brasil, a Índia, a Cochinchina, a ilha de Ceilão, agora só falta uma estátua ao descobridor Borromeu Cancela! Tantos guerreiros têm já gasto pólvora e balas para atirar abaixo a confissão e deram todos *com o nariz num sedeiro:* morreram e a confissão cá ficou. Mas desta vai! O Borromeu descobriu-lhe os pés de barro, agora não fica pedra sôbre pedra!

Se a confissão é obra dos padres, mais ninguém se confessa, compadre!

— Desculpa, compadre Barnabé, mas tu estás a apertar-me bastante os calos. Eu não estou a brincar: falo a sério. E se não é como eu digo, prova-me o contrário.

— Bem, compadre. Queres falar a sério, não me rio mais. Mas olha que quem faz uma afirmação é que tem de a provar. Disseste que os padres é que inventaram a Confissão, precisas de o provar, porque é da boa Filosofia que *homem de juízo nada afirma que não prove.*

— Olha, compadre Barnabé. Eu falo pela boca de muita gente.

Não fui eu que fiz a descoberta: o que eu ouço por aí a cada esquina é que os padres querem obrigar tôda a gente a confessar-se, para saberem o que vai por casa alheia e para terem o povo na mão.

— Ó compadre, dize-me uma coisa: a quem ouves barregar contra a confissão, é à gente séria ou ao lixo da sociedade?

— De tudo, compadre.

— Perdão. Ouves clamar contra a confissão aos ladrões, aos bêbedos, aos libertinos, aos casados mal comportados, aos amigos de rusgas e *rambóiadas*, aos caloteiros, aos velhacos e em geral a todos os tratantes. São êstes os inimigos da confissão. Gente séria, bem comportada, que passa a vida no trabalho honrado — êsses não falam contra a confissão, não!

— Não é tanto assim, compadre! Conheço pessoas de bem e até de bota engraixada que dizem o mesmo!

— Ah! agora fazes-me rir! Então, para ti, um homem de bem é um tipo de colarinho à Teles e sapato de polimento? Ainda vais perto, compadre! Êsses às vezes são os piores! E ainda quando pareçam criaturas de bem, se berram muito contra a Igreja, contra os padres e contra a confissão, aí há-de haver *gato*, como dizia o outro! Por alguma coisa é, compadre! Quem lhes estudasse a vida, havia de encontrar o *gato!* O qual está quási sempre no 6.º ou no 7.º Mandamento!... Percebes? Se Cristo tirasse à Religião êstes 2 preceitos, todo o mundo se confessava, compadre! Se os padres não obrigassem a ser liso nos contratos, a restituír os bens mal havidos, a ser puro nos pensamentos, nas palavras e nas obras, já a Confissão não tinha sido inventada pelos padres! Assim... que queres, compadre? Cada um é que sabe onde a bota lhe aperta! Aqui é que bate o ponto!

— Ó compadre, desculpa que te diga, mas estás a ofender-me. Então eu, por não me confessar sou mau homem, mal comportado ou gatuno? Fazes de mim êsse conceito?

— Perdão, se te ofendi, compadre Borromeu! Eu não quero meter-te no rol! Faço-te a justiça de que não és um viciado, mas sim um iludido por qualquer má companhia. Deixaste-te embalar pelas cantigas de taberna ou de barbearia! Mas precisamente porque faço de ti bom conceito, é que estranho o que disseste.

Um homem de bem, como tu és, não deve deixar-se arrastar por falsos amigos de tasco ou de esquina. Não te metas no rol dos inimigos da Confissão.

É nesse rol que estão todos os tratantes do mundo.

Se queres estar na companhia de gente boa e séria, vai à desobriga, abandona essas dúvidas, e verás que só a Religião nos pode fazer felizes e satisfeitos, até neste mundo.

Angelo

QUANDO PENSAR ADQUIRIR ALGUMA MAQUINA DE ESCREVER
COMPRE A
"UNDERWOOD"
Agentes: *Dunkel & Antunes, L.ª - R. Augusta, 56 - Lisboa - Telef. 2 4251*

Drogaria de Adelino Costa, Lt.
Importação directa de todos os artigos para fábricas, Produtos químicos e farmacêuticos.
Todos os artigos para piro-tecnia, tinturaria, tintas, vernizes, sulfato de cobre e enxôfre, cimento, etc., etc.
Sortido completo de especialidades farmacêuticas nacionais e estranjeiras
PULVERIZADORES DE TÔDAS AS QUALIDADES
77, Largo de S. Domingos, 79
Telefone 366 — PÔRTO

CIMENTO «LIZ»
Fabricado segundo os mais modernos processos scientíficos nas instalações modelares de
MACEIRA—LIZ
Fiscalização permanente de tôdas as fases do fabrico
120.000 toneladas de produção anual
11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS
EMPRÊSA DE CIMENTOS DE LEIRIA
Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA
Telefone P. B. X. 2 1331
Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PÔRTO
Telefone 4193
AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

OS MELHORES
VINHOS
Companhia Velha
FUNDADA EM 1756
RUA DAS FLORES, 69
PÔRTO

Alimento completo...
. . . especialmente preparado para crianças, rico em leite e vitaminas, cuidadosamente malteado, a
Farinha Lactea
NESTLÉ
protege o bébé, vela pela sua saúde, dá-lhe alegria, desenvolve-o e transforma-o num ente são, apto e corajoso para a vida
PEDIR AMOSTRAS GRÁTIS Á Sociedade de Produtos Lacteos RUA IVENS, 11-15-A — LISBOA

A MAQUINA DE ESCREVER
MERCEDES
DOMINA PELAS SUAS VANTAGENS E APERFEIÇOAMENTOS
J. GONÇALVES
LISBOA — Calç. do Carmo, 10
PORTO — R. Sampaio Bruno, 12

PÔRTO RAMOS-PINTO

A «Voz da Fátima» é a publicação de major tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

Voz da Fátima

Página dos CRUZADOS

PARA MEIO MILHÃO

Deve ficar êste mês muito perto de duzentos e cinqüenta mil o número da tiragem da *Voz de Fátima!* Passa já dêsse número o número de *Cruzados* que há nas filas da reconquista cristã, porque muitos contribuem com a sua quota, mas não podem ler o jornal porque infelizmente não sabem ler, e assim é maior o número de *Cruzados* que o número de jornais que actualmente já se espalham cada mês pelo país.

Até que emfim! Até que emfim o mundo sabe que a maior tiragem da imprensa portuguesa é esta fôlha, que indica o despertar da consciência católica.

Andávamos sempre dizendo que éramos a maioria da população do país, nós, os católicos, mas não o mostrávamos apresentando ao mundo uma união qualquer activa e permanente das nossas massas profundas. Agora, sim! Agora estamos tomando consciência da nossa fôrça!

Citavam-nos exemplos de fora, de países como os *Estados Unidos*, onde agremiações como a do *Holy Name* (Santo Nome) contavam mais de um milhão de associados. E nós não passávamos do vélho tipo da nossa associaçãozinha local, com umas escassas centenas, ou um ou dois milhares de agregados. Pois bem: agora já se sabe lá fora — porque as publicações católicas o levam ao conhecimento de todo o mundo, que a maior tiragem da imprensa portuguesa é esta fôlha popular católica. É seguramente, dada a nossa tradicional rebeldia à organização, um dos grandes milagres de Nossa Senhora de Fátima!

Hoje, com o nosso *quarto de milhão* de *Cruzados* já inscritos, podemos erguer a fronte sem vergonha perante os próprios Estados Unidos, nação de mais de 100 milhões de habitantes. Porque Portugal tem 7 milhões e um quarto de milhão de *Cruzados* — e feita a proporção podemos afirmar que a união dos *Cruzados* de Fátima é, relativamente à população do país, a mais poderosa união católica activa de todo o mundo.

Activa!

Porque a nossa união é activa, porque a quota, tão pequenina, de cada *Cruzado*, é uma fôrça que se soma e trabalha em tôdas as secções da acção católica portuguesa. Cada um de nós, quando dá os seus vinte centavos mensais — o prêço duma caixa de fósforos! — sabe que essa pequeníssima parcela torna já, e tornará cada vez mais, possíveis, todos os trabalhos de acção católica que ainda há um ano pareciam impossíveis.

Quem visitar na Alemanha um certo sítio da chamada Floresta Negra, onde nasce um fiozinho de água, que parece destinado, a perder-se na relva próxima mal pode imaginar que a muitas centenas de quilómetros dali essas gôtas de água lá vão desembocar no Mar Negro, formando a massa imponente das águas do Danúbio, o rio que atravessa quási tôda a Europa!

Agora... para o meio milhão!

Que outro meio ano de trabalho ardoroso e entusiástico nos faça celebrar a inscrição do último cruzado que falte para completar **meio milhão** de portugueses que com uma só voz potente clamem cada mês, soltando o seu fiozinho de água para o rio caudaloso que fecundará todos os campos da acção católica: **Queremos Deus, que é nosso Rei! Queremos Deus, que é nosso Pai!**

Quem não há-de sentir já êsse ardor e êsse entusiasmo?

Sentimos que somos arrastados para esta luta pacífica pelo reinado de Deus na nossa Pátria, por aquela que há séculos era a sua Padroeira!

Ela tinha no Sul o seu solar em Vila Viçosa, onde está a imagem que àquele santuário ofereceu o Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira — e êste ano, no próximo mês de abril, realiza-se a primeira peregrinação nacional ao solar da Padroeira!

Ela tinha no Norte o seu Monte Sagrado, no Sameiro, onde no princípio da nossa renascença cristã, em 1904, como um prenúncio dela, se viu a maior afluência de católicos de que havia memória, aquêles trezentos mil peregrinos que, segundo jornais insuspeitos do Pôrto, ali foram celebrar o cinqüentenário da definição dogmática da Imaculada Conceição!

Mas Vila Viçosa e o Sameiro eram já as duas alas do exército activo que ia partir para a reconquista. E a Virgem preparou o Centro, aparecendo no Centro do país e precisamente no condado do Santo Condestável, como que a indicar-nos que era chegada a hora de aliar, como nos tempos do Guerreiro e Monge, a acção à oração, como o próprio nome árabe do local privilegiado parece ter querido recordar-nos que era verdadeiramente uma nova reconquista cristã, como a que noutras eras começou nas Astúrias e durou séculos até à queda do último rei moiro de Granada.

Avante! Pelo meio milhão! Norte, Centro e Sul, em massas profundas de meio milhão de crentes organizados, a clamar à Virgem Padroeira de Portugal: **emquanto houver portugueses, Tu serás o nosso amor!**

O senhor também!...

O sr. major esteve em França, na Grande Guerra.

E portou-se como um herói em várias refregas!

Ficou ferido duas vezes. Foi louvado e condecorado! Ofereceu-se para desempenhar várias missões delicadas.

O seu peito destemido está constelado de medalhas e de fitas como uma bandeira de filarmónica!

É um militar de antes quebrar que torcer... um verdadeiro cultor da honra militar!

E, a-pesar disso..., ouvi...

* * *

Na Quaresma do ano passado, assistiu na sua paróquia a um retiro para homens.

Em primeiro lugar... porque é um cristão convicto, embora não seja muito praticante.

Em segundo lugar, porque o retiro foi prègado por um padre, que também esteve na Guerra, homem de grande acção e que, no *front* e cá fora, tem uma linguagem, uma convicção a que dificilmente se resiste.

Sim, o nosso major foi de muito boa vontade ao retiro, e até lá levou dois colegas.

E quando chegasse à Páscoa, devia, lògicamente, fazer a sua desobriga, iria fazê-la, até com a mulher e com os filhos!

E assim estava decidido até o momento em que a esposa teve de dar à cozinheira, as ordens para o dia seguinte.

A cozinheira é verdadeiramente uma especialista, mas é levada da breca...

—Oh Júlia, amanhã, só tomamos o café às 9... por causa da Missa!

—Está bem, minha senhora. O senhor também?

—Sim. O senhor também!

E lá diz o nosso povo *Do prato à bôca se perde a sopa...*

* * *

A Júlia saiu com um sorriso trocista... — O senhor também!

São Pedro, o primeiro Papa também viu uma criada rir assim, no pateo do pretório...

Aquêle sorriso da Júlia significava... o padeiro... o carniceiro... o mercieiro... o taberneiro... e todas as cozinheiras, porteiras e criadas que fôssem ao mercado...

—O senhor também!!... Sim... O senhor!

Então... o major... teve... uma dôr de cabeça!...

Deixou-se ficar preguiçosamente na cama, emquanto a mulher e os filhos iam para a Missa das 8.

Enroupado até aos olhos, ficou nessa manhã em casa...

E, por um excesso de prudência, levantou-se, tocou a campainha, e disse à Júlia, tôda triunfante, que lhe trouxesse o café!...

E enquanto esta, com ar de troça e de desprêzo, saboreava a vitória...

Êle... ouvia os sinos a chamá-lo, tão comoventes, com um timlhe que lhe recordava os dias saüdosos da infância, a sua querida mãe... e sentia-se córar...

E enquanto a enxaqueca ia aumentando, ia repetindo:

—Ora eu que andei em cargas cerradas, como um valente... Eu que me expus, sem tremer, às balas e aos obuses!...

«Eu que teria morrido pela pátria, se fôsse preciso, com um sorriso nos lábios...

«Um homem como eu... fiz esta tristíssima figura de urso... e deixei-me vencer por uma sopeira!...

* * *

Mas esta última frase foi dita com o ar de quem volta a ter energia...

Júlia, não julgue que ganhou a batalha!

A sua vitória vai transformar-se em derrota.

O sr. major sente-se indigno do seu procedimento, e vai desobrigar-se...

Talvez lá para o Domingo do Espírito Santo!... Mas mais vale tarde que nunca!

Vai desobrigar-se êste ano — digo-lho eu.

Sim, o senhor também!

Imitado de *Pour ses beaux yeux*, de Urbain Milly)

Dez e cinco fazem... dez!...

— Senhor prior, a fé diz-nos que nos salvaremos, se praticarmos os Mandamentos. Havia já os dez Mandamentos da Lei de Deus... Chega a Igreja, e o que faz ela?...

Acrescenta-lhe cinco!... Ora se quinze quilos pesam mais do que dez, quinze preceitos custam mais a levar do que dez...

— Não é bem assim, quinze quilos nem sempre custam mais a levar do que dez...

— Nem sempre!?

— Ora supõe tu que um pedreiro tem de deslocar duas lages pesadas. Tem de fazer um esfôrço grande e penoso. Mas se êle for buscar um carrinho de mão, já transporta as lages, com uma perna às costas, como se costuma dizer.... E, todavia lages e carrinho é um pêso maior do que só as lages!

— É que o carrinho *ajuda* a levar as lages, a realizar o trabalho.

— Isso mesmo! A palavra é tua: *ajuda a realizar*, ajuda a cumprir...

— Pois sim, mas nos Mandamentos da Igreja não há... nenhum carrinho de mão!

— É o que vamos ver. Com efeito, a Igreja, criando os seus preceitos, não fez mais do que *ajudar*-nos a cumprir os dez Mandamentos da Lei de Deus!

— Não vejo bem como...

— Vejamos um exemplo. Há um mandamento da Lei de Deus, que nos manda santificar o domingo. Muito bem, como é que êle deve ser santificado?

— É bem simples: basta ir...

— Já sei o que vais dizer: que basta ir à Missa. Mas supunhamos que a Igreja não o tinha dito, que não havia os tais preceitos da Igreja — como tu querias — e que nos encontrávamos pura e simplesmente em presença do 3.º Mandamento da Lei de Deus. Como é que tu santificavas o domingo?

— Em primeiro lugar, não trabalhava em trabalhos servis...

— Sim, isso é a parte *negativa*, a abstenção. Mas o que farias de *positivo*. Quanto tempo consagrarias à oração para dar a êsse dia uma consagração suficiente?

— Isso é difícil de marcar... Ponhamos duas horas: já não é muito pouco.

— Duas horas, para vinte e quatro que tem o domingo!... Não faltaria quem achasse pouco.

— Sejam três.

— Está bem. Vês, portanto: se a Igreja nada dissesse, achas — sem ficar perfeitamente sossegado de consciência — que bastariam três horas de oração para santificar o domingo?

«Mas, atenção, nesta altura a Igreja intervém e diz: Basta assistir a uma Missa, e tereis feito aquilo a que sois rigorosamente obrigados... Francamente, Sebastião, qual das duas interpretações é mais severa: a da Igreja ou a tua?...

— Realmente, êste preceito da Igreja é uma interpretação e não um agravamento do preceito de Deus... Mas ainda há mais quatro!

— Fica certo de que também, nêles, a Igreja não fez mais do que interpretar *com benevolência* os Mandamentos de Deus. Lembras-te do primeiro?

— De Deus ou da Igreja?

— De Deus.

— *«Amar a Deus sôbre tôdas as coisas».*

— Isso mesmo... Ora, é evidente que nós devemos dar a Deus provas dêste amor que Êle nos pede. Tu és muito amigo da tua mãe, e como é que lho mostras ?

— De muitos modos. Por exemplo, no dia dos seus anos faz-se-lhe uma festa...

— E fazes bem. Ora a Igreja obriga-nos a celebrar algumas festas em honra do bom Deus: são *os dias santos*. E, diz-me cá, nunca deste nenhum desgôsto à tua Mãe?

— Mas peço-lhe logo perdão, ou não fôsse eu tão amigo dela.

— Já vês que não teríamos amor a Deus, se não lhe pedissemos perdão das faltas cometidas recorrendo ao meio que Jesus Cristo instituíu para isso.

— Está bem. É a confissão. Mas ainda falta a comunhão, o jejum, a abstinência...

— Foi Cristo quem impôs a obrigação de comungar.

(Se não comerdes a minha carne e não beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós. — disse o Mestre.) A Igreja veio, interpretou esta lei, com benevolência, dizendo-nos que *cumprimos*, desde que comunguemos pela Páscoa.

«Nosso Senhor impôs-nos a obrigação de fazer penitência. *Se não fizerdes penitência, morrereis todos!* — são as palavras do Redentor. E a Igreja, benèvolamente, interpretou indicando vários dias de jejum e de abstinência...

— Tem realmente razão, o sr. prior.

— A Igreja fêz, como se dissesse:

Aqui estão algumas regras: aprendei-as e observai-as, que elas vos guiarão no cumprimento dos preceitos divinos, e tornarão êsse cumprimento mais fácil.

— Então, os preceitos da Igreja não ajuntam nada às ordens de Deus?

— Nada, a não ser a precisão, o rigor... Por isso, se pode dizer que a matemática, neste caso, falha, pois que, quando somarmos os preceitos de Deus e os da Igreja: *dez e cinco fazem... dez!*

—E um carrinho de mão!...

(Adaptado de *E. Duplessy)*

Condições do Apostolado

Para conseguirmos no apostolado uma actividade com resultados satisfatórios devemos imitar os Apóstolos.

Tendo sido os primeiros chamados a seguir a Cristo responderam sem hesitar e da melhor vontade a êsse apêlo. Dedicaram-se por completo ao apostolado e nêsse apostolado fizeram mais tarde uma bela colheita de almas, colheita que não tornou a ser igualada. Não poderíamos encontrar melhores modelos.

Para triunfarmos como êles, vamos mostrar os meios de que se serviram:

ORAÇÃO

Em primeiro lugar rezaram. Guiados pelos ensinamentos e pelos exemplos de Cristo, que foi por assim dizer o Primeiro Apóstolo, êles bem sabiam que para converter os homens é preciso a ajuda da graça divina, e que a graça é filha da oração.

Assim, os Apóstolos foram antes de mais nada *homens de oração.*

Rezar foi a sua primeira obra apostólica, como se pode verificar nas Sagradas Escrituras: «Entregar-nos-emos inteiramente à oração e ao ministério da palavra».

Repare-se nesta pequena diferença: rezar em primeiro lugar e depois trabalhar, depois a acção que não vem interromper a reza mas sim continuá-la duma outra maneira. Está nisto, sem dúvida nenhuma, a razão principal e maior do grande zêlo dos Apóstolos pelas almas.

Queremos que os nossos esforços sejam tão bem sucedidos como foram os dos Apóstolos? Rezemos! rezemos sempre, rezemos pedindo a Cristo que nos dê uma santa actividade, para que inspire as nossas palavras e tentativas, para que esclareça os corações e faça entrar neles a graça e a salvação. Assim aconselhava S. Paulo aos fiéis: «Antes de tudo vos peço que rezem, que supliquem, que roguem por todos os homens... afim de que tenhamos uma vida tranqüila e socegada na piedade e na pureza. Seremos agradáveis aos olhos de Deus, do nosso Salvador que quere a salvação de todos os homens e que todos êles cheguem ao conhecimento da verdade». (I Tim., II, 1-5). E o Papa Pio XI, que tem sido um homem muitíssimo activo, também dá o mesmo conselho. Quere que a nossa acção comece pela reza, pela oração. «O vosso apostolado, — dizia êle num discurso à mocidade de todos os países, no dia 19 de setembro de 1925, — o vosso apostolado deve ser, antes de mais nada, o apostolado da oração. Porque, no campo em que trabalhais, nada é possível sem a oração. O divino Mestre assim disse: Sem mim nada podeis fazer. E como observou alguém, é preciso notar que Jesus não afirmou: podeis fazer alguma coisa, mas sim: *não podeis fazer nada*, **nada** *sem mim.*»

Mas não basta *orar*. Importa também, como veremos, *agir*.

H. M.

Conversando

O PAPA, O CASAMENTO E OUTRAS COISAS MAIS

—Então, o homem foi convencido? Já não voltará a dizer que o Papa anula casamentos?!

—Sim, êle diz que as coisas não são como êle pensava...

E deixa-me acrescentar-lhe um ponto, que é bom que tu lhe repitas, para êle ficar sabendo. Se o Papa anulasse casamentos, se na Igreja houvesse divórcio — tinham-se evitado graves perturbações, que a História regista. Ora ouve:

«Tinha começado pouco antes o protestantismo, que ia alastrando terrivelmente sôbre grande parte da Europa. A nova heresia ajudada pelos maus padres e pelos fidalgos, que, abrançando-a, se apoderavam dos bens dos bispados, dos conventos e dos hospitais, avançava ràpidamente, causando ao Santo Padre e aos fiéis desgostos profundíssimos e grandes apreensões. Passou-se isto por altura do reinado de D. Manuel I, o Venturoso.

«E é consolador verificar que na hora em que a verdadeira Religião perdia tantos filhos na Europa, os portugueses descobriam novos mundos para converter a Cristo, como o Brasil, ou o caminho mais fácil e rápido para chegar às vastas e populosas regiões do Oriente.

Quere dizer: Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e os portuguêses de então foram instrumentos da Providência para compensar a Igreja dos filhos que o protestantismo lhe roubara...

—Nunca tinha pensado nisso! Nem sabia mesmo essas coisas! Se o nosso país fêz tanto, não pode agora deixar de tratar muito a sério de mandar missionários, ao menos para as nossas colónias!

Até fico mais contente por ter sido uma das pessoas que mais trabalharam para que o filho do Chico-Moleiro *fôsse para o seminário das Missões...*

—Assim é que se trabalha, rapaz. Ser patriota não é só dizer-se que o é, andar a apregoar patriotismo, a fazer discursos. O patriotismo é amor da Pátria; e o amor prova-se com actos.

Já Nosso Senhor dizia:

—Se me tendes algum amor, praticai os Meus Mandamentos!

Ser patriota é ser ordeiro, não arruinar a saúde, não gastar na taberna, faltando ao sustento dos filhos... Se não cuidarmos da prole como deve ser, daremos a Portugal uma geração de raquíticos que, nem poderão servir sequer para tratar da sua vida.

«Ser patriota é trabalhar diligentemente, contribuindo para que todos tenham mais abundância e mais felicidade. Resumindo: onde estiver um bom católico, estará também um excelente português...

—Só temos, na igreja, a imagem do Santo Condestável...

—...A dizer-nos que ser santo e patriota são coisas muito fáceis de juntar, dizes bem.

«Não sabia que te tinhas interessado tanto pela ida do pequeno para o Varatojo, mas só é caso para te dar os parabéns.

E não quero passar adiante sem te fazer notar: os verdadeiros amigos de Portugal ainda que não tenham a felicidade de ser crentes, devem ajudar a Acção Católica.

—Está claro! A Religião é a base do respeito, da ordem...

—Não é só por isso. Quanto mais fraca for a vida cristã, de piedade, em Portugal, tanto menos missionários para as colónias.

Se os pais não forem piedosos, dificilmente os filhos quererão ser missionários. E colónias sem Missionários portugueses, e com missionários estranjeiros, são colónias que, a pouco e pouco, irão perdendo o caracter nacional, até que acabarão... por levantar vôo para as mãos de outros países.

«Por isso, **todos os bons portuguêses, católicos ou não, devem auxiliar a Acção Católica, ao menos com os seus donativos!** *É uma grande verdade, fácil, como vês, de demonstrar e de aceitar, que os* Cruzados de Fátima, *e, dum modo especial, os chefes de trezena, não devem nunca esquecer!*

«Mas voltando ao divórcio (que isto, as palavras são como as cerejas...) quando o protestantismo ia alastrando pela Europa como um incêndio infernal — o chefe dum dos estados mais poderosos lembrou-se de pedir ao Papa a anulação do seu casamento: foi Henrique VIII, rei da Inglaterra.

«E como o papa—é claro—não lho anulou, e o seu matrimónio não fôra nulo — êle rebelou-se contra a Santa Sé, e levou o parlamento inglês a proclamá-lo Protector e Chefe Supremo da Igreja de Inglaterra.

«Estás a ver que, se o Romano Pontífice pudesse anular casamentos, teria todo o empenho em evitar mais esta perseguição numa época tão tormentosa para a Fé, e tão rüinosa para as almas.

«Mais de 70.000 inglêses pagaram com a vida, às ordens dêste monarca devasso e brutal, a sua fidelidade a Roma.

«Entre os primeiros executados, figuravam o bispo Fischer e o chanceler Tomás Morus, que foram degolados, há precisamente 400 anos, em 1535!

—Nosso Senhor tem tido sempre quem o ame a ponto de antes querer morrer do que fazer-lhe uma traição! Ainda há pouco, na Espanha, no México, na Rússia...

—E volta e meia, estão os jornais a contar as torturas infligidas na China, por exemplo, a missionários, que lá andam evangelizando.

Jesus Cristo está continuamente a despertar almas — e das mais nobres — que o amem com paixão.

«Gostaria de saber quem se importará daqui a duzentos anos com os inimigos de Cristo, que vivem hoje!... E Nosso Senhor veio a êste mundo há mais de 1900 anos!!

—São realmente coisas que fazem pensar, não há dúvida.

—Mas... não tardam aí uns pequenos a quem tenho de dar umas explicações; temos de pôr ponto na conversa. Vá lá um episódio digno de se meditar, e de ser contado.

Tomás Morus estava prêso na Tôrre de Londres.

A mulher foi visitá-lo aconselhando-o a que obedecesse ao rei para escapar à morte.

—Olha lá —, preguntou-lhe êle — se eu renunciar à minha fé, para recuperar os meus bens e o meu cargo, quanto tempo te parece que terei ainda para os gosar?

—Ainda podes viver bem uns vinte anos!

—«Vinte anos?! E tu queres que por vinte anos de vida, eu perca a minha alma por tôda a eternidade?!...

X.

Respigando

Passaram-se *ùltimamente em Portugal vários factos que merecem nesta Página, especialmente interessada nas coisas de Acção Católica, duas palavras de referência.*

Assim, *no extremo norte do país, em Braga, realizaram-se Cursos de Acção Católica, para sacerdotes e para leigos, que tiveram uma concorrência enorme sem exagêro.*

No *pólo oposto, em Faro, celebrou-se também um congresso, verdadeiramente notável em que os problemas da Acção Católica foram estudados com proficiência e entusiasmo.*

Uma nota também de consolador efeito foram as solenissimas festas comemorativas das bodas de prata sacerdotais do Senhor Bispo de Viseu, que movimentaram, segundo o testemunho de jornais insuspeitos, mais de 20.000 pessoas. Uma comunhão geral de mais de 6.000 fiéis. Um cortêjo que levou duas horas a desfilar, etc.

Também *teve um especial significado a ordenação presidida em S. Domingos de Lisboa, pelo Em.mo Senhor Cardial Patriarca.*

É realmente impressionante ver dois médicos, um advogado, e dois alunos de escolas superiores deixarem o mundo com todos os seus atractivos para seguir o Senhor e compartilhar das agruras do Seu sacerdócio: viver uma vida de sacrifício pelo bem dos outros, e receber a cada passo, grosserias e calúnias.

E acrescentemos que alguns dos novos sacerdotes eram, há mais ou menos anos, indiferentes em matéria religiosa, e alguns foram até, pode dizer-se, adversários de Cristo.

Outros, souberam renunciar aos prazeres, mesmo legítimos, que os seus bens de fortuna lhes podiam proporcionar.

Entre nós, estes casos vão-se tornando um tanto freqüentes. É-nos fácil recordar, neste momento, uma dúzia de rapazes que abandonaram a profissão liberal que exerciam, os bancos da universidade, ou o solar nobre, da sua família, para ingressarem no seminário ou no convento.

Nos outros países, isto é freqüente. O Seminário de S. Sulpício, em Paris, chegou a estar cheio de oficiais que estiveram na Guerra.

E na Alemanha, vêem-se muitos padres que são duques ou marquêses, e possuidores de bens avultados.

Demos graças a Deus por todos estes factos, que nos fazem esperar melhores dias — se todos os soubermos preparar!

R.

Aos Cruzados e Rev.dos Párocos

Fazemos nosso o pedido do zelosíssimo Director Arquidiocesano de Braga que transcrevemos do «Diário do Minho».

Queremos pedir a todos os Rev.os Párocos que não entregaram as esmolas colhidas até 31 de Dezembro passado (e faltam várias ainda), a fineza de o fazerem sem demora, pois que precisamos de fechar as contas do período transacto e remeter à Junta Central a percentagem respectiva, e sem isso não podemos efectuá-lo.

Duas grandes condições se impõem, para que vingue e surta o devido efeito a nossa Cruzada de Salvação: — a perseverança e fidelidade inquebrantável de todos os Cruzados inscritos e a mais perfeita regularidade e escrúpulo na cobrança mensal das quotas e da sua remessa à Direcção, no fim de cada quadrimestre.

Uma e outra coisa esperamos do zêlo apostólico dos nossos amados colegas em Jesus Cristo.

Adveniat!...

Para rir

Napoleão acabava de entrar vitorioso numa cidade de Itália. A irmandade duma igreja veio-lhe pedir que tomasse sob a sua protecção as estátuas, de prata macissa, dos doze Apóstolos.

— Sim senhor, e até os quero ajudar a cumprir a sua missão de apóstolos, percorrendo o mundo...

E daí a pouco, os doze Apóstolos partiram para a Casa da Moeda de Paris!

* * *

Um sujeito, pálido, magro, como um esqueleto, fôra visitar a campa dum amigo. Demorou-se de mais, e, quando ia saír — era já lusco-fusco — estava o empregado a fechar o portão do cemitério.

Bateu-lhe no ombro. O homem, vendo aquêle... cadáver ambulante, assustou-se, e gritou-lhe:

— Oh, homem? Deixe-se de fitas, e volte lá para a sua cova!...

Pia União dos Cruzados na Arquidiocese de Braga

Conta já perto de 7.000 Tresenas, cêrca de 90.000 Cruzados alistados, a Arquidiocese Primaz, além de 20 Associados Perpétuos, que se remiram com a oferta de duzentos escudos cada um.

Em oito meses de propaganda e organização, é bem um verdadeiro milagre da excelsa Rainha do Céu e Padroeira de Portugal.

Nossa Senhora de Fátima, protegei e abençoai a Acção Católica Portuguesa!

Este número foi visado pela Censura